



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

LUÍSA DA SILVA CARVALHO

**ENTRE INTEGRAÇÃO E DISPUTA: A INSERÇÃO DO BRASIL NA AMÉRICA  
LATINA ATRAVÉS DO DISCURSO BOLSONARISTA**

SALVADOR  
2023

LUISA DA SILVA CARVALHO

ENTRE INTEGRAÇÃO E DISPUTA: A INSERÇÃO DO BRASIL NA AMÉRICA LATINA  
ATRAVÉS DO DISCURSO BOLSONARISTA

Monografia apresentada à Faculdade de  
Comunicação da Universidade Federal da Bahia  
(Facom/ Ufba) como requisito parcial para a obtenção  
do grau de Bacharel em Comunicação Social com  
habilitação em Jornalismo

Orientadora: Profa. Dra. Ivanise Hilbig de Andrade

SALVADOR  
2023

## **AGRADECIMENTOS**

A graduação foi uma jornada e tanto, ampliada e intensificada pela pandemia de covid-19, então, agradecimentos não faltam.

Aos meus pais, Marcos e Arlete, pelo amor, dedicação, confiança, leituras e boa música.

A todos que vieram antes, em especial às minhas avós Anália e José e à minha madrinha Amélia.

Ao meu irmão Vinícius, por sua esperteza e bondade.

Aos amigos feitos durante o curso, que foram companhia e colo durante os momentos mais tensos e felizes da graduação. Obrigada por compartilharem seus sonhos comigo e me deixarem compartilhar os meus.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Ivanise, pela disponibilidade, pelo apoio e pela compreensão. Não poderia também esquecer da ajuda de Victor Coutinho Lage, iluminando os caminhos na construção do segundo capítulo e auxiliando na delimitação do tema, e dos colegas do grupo Interpretações do Brasil, que se dispuseram a compartilhar impressões e sugestões de melhoria deste trabalho. Também agradeço ao professor Giovandro Ferreira, que me acompanhou no primeiro semestre de produção desta monografia e também foi essencial para que eu conseguisse chegar ao recorte final desta pesquisa.

Às professoras e professores que me inspiraram e incentivaram minha curiosidade desde a primeira vez que fui à escola.

Agradeço eternamente a todos.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a inserção do Brasil na América Latina através do discurso do ex-presidente Jair Bolsonaro, seu vice-presidente Hamilton Mourão, ministros do seu governo e seu filho, o vereador Carlos Bolsonaro, à grande imprensa, a partir da coleta de reportagens nos jornais O Globo e Folha de S. Paulo que continham referências aos países Argentina, Paraguai e Venezuela. Por meio da análise do discurso e da análise crítica do discurso, através de Dominique Maingueneau, Norman Fairclough e Eliseo Verón busca-se identificar a compreensão do bolsonarismo acerca da relação do Brasil com a região. Para isso, procurou-se por depoimentos e entrevistas dos atores, aqui chamados de agentes do bolsonarismo, na grande mídia, compreendida como ator relevante na opinião e no debate públicos. Percebeu-se, através das 208 reportagens coletadas durante janeiro de 2019 e junho de 2022 que a América Latina não assume grande espaço na retórica bolsonarista, porém, quando está presente, é marcada por uma posição complexa de disputa e integração.

Palavras-chave: Bolsonarismo, América Latina, Análise do Discurso, jornalismo tradicional.

## **ABSTRACT**

This work aims to analyze Brazil's insertion in Latin America through the discourse of former President Jair Bolsonaro, his vice-president Hamilton Mourão, ministers of his government, and his son, the councilman Carlos Bolsonaro, in the mainstream media, based on a collection of news articles from O Globo and Folha de S. Paulo that contained references to Argentina, Paraguay, and Venezuela. Through discourse analysis and critical discourse analysis, drawing on the works of Dominique Maingueneau, Norman Fairclough, and Eliseo Verón, the goal is to identify the understanding of the Bolsonarism movement regarding Brazil's relationship with the region. To achieve this, testimonies and interviews of the actors, referred to here as Bolsonarism agents, in the mainstream media were sought, considering it as a relevant actor in public opinion and debate. It was observed, through the analysis of 208 collected news articles from January 2019 to June 2022, that Latin America does not assume a significant space in the Bolsonarism rhetoric. However, when present, it is marked by a complex position of dispute and integration.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - TÍTULO DE MATÉRIA DO PORTAL UOL.....	24
Figura 2 - TÍTULO E LINHA FINA DE MATÉRIA DA REVISTA EXAME .....	35
Figura 3 - TÍTULO DE MATÉRIA DA REVISTA CARTA CAPITAL.....	43
Figura 4 - TWEET DO PERFIL DE CURADORIA DE NOTÍCIAS CENTRAL DA POLÍTICA.....	43
Figura 5 - SEÇÃO AMÉRICA LATINA DA EDITORIA MUNDO DO JORNAL O GLOBO .....	47
Figura 6 - SEÇÃO AMÉRICA LATINA DA EDITORIA MUNDO DO JORNAL O GLOBO	47
Figura 7 - SEÇÃO AMÉRICA LATINA DA EDITORIA MUNDO DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO.....	47
Figura 8 - SEÇÃO AMÉRICA LATINA DA EDITORIA MUNDO DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO.....	48
Figura 9 - EDITORIA MUNDO DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO.....	49
Figura 10 - TRECHO DA MATÉRIA "EMPRESÁRIOS AMERICANOS ELOGIAM MOURÃO E DIZEM QUE VICE É FONTE DE ESTABILIDADE" DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO.....	49
Figura 11 - TRECHO DA MATÉRIA "BOLSONARO QUER MENOR PAPEL POLÍTICO PARA MERCOSUL E REDUZIR TARIFAS DE IMPORTAÇÃO NO BLOCO" DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO.....	53
Figura 12 - RECHO DA MATÉRIA "O QUE PODE MUDAR NO MERCOSUL NO GOVERNO BOLSONARO?" DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO.....	53
Figura 13 - TRECHO DA MATÉRIA "PARA ERNESTO ARAÚJO, BRASIL E ARGENTINA DEVEM DEIXAR PARA TRÁS ‘PASSADO SUICIDA’" DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO .....	55
Figura 14 - TRECHO DA MATÉRIA "CHANCELER ARGENTINO DIZ QUE ‘MUDOU TUDO’ NA RELAÇÃO COM O BRASIL" DO JORNAL O GLOBO .....	58
Figura 15 - TRECHO DA MATÉRIA "CHANCELER ARGENTINO: ‘PEDIMOS A NOSSOS IRMÃOS BRASILEIROS QUE NOS APOIEM NO FMI’"DO JORNAL O GLOBO .....	58
Figura 16 - TRECHO DA MATÉRIA "CHANCELER ARGENTINO: ‘PEDIMOS A NOSSOS IRMÃOS BRASILEIROS QUE NOS APOIEM NO FMI’"DO JORNAL O GLOBO.....	59
Figura 17 - CAPA DA REVISTA AMERICAS QUARTERLY.....	60
Figura 18 - TRECHO DA MATÉRIA “CONFUSO SOBRE A CRISE NA VENEZUELA? ENTENDA O QUE ACONTECEU NESTA SEMANA” DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO.....	61
Figura 19 - TRECHO DA MATÉRIA “CONFUSO SOBRE A CRISE NA VENEZUELA? ENTENDA O QUE ACONTECEU NESTA SEMANA” DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO .....	62

Figura 20 - TRECHO DA MATÉRIA “EM ENCONTRO BILATERAL, BOLSONARO E ABDO DEFENDEM ALIANÇAS COMERCIAIS E CRITICAM MADURO” DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO.....	63
Figura 21 - TRECHO DA MATÉRIA “EM ENCONTRO BILATERAL, BOLSONARO E ABDO DEFENDEM ALIANÇAS COMERCIAIS E CRITICAM MADURO” DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO.....	64
Gráfico 1 - DISPOSIÇÃO DE MATÉRIAS QUE CITAM A AMÉRICA LATINA POR PRINCIPAIS EDITORIAS.....	52

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>8</b>
<b>2. América Latina: entre disputa e integração.....</b>	<b>12</b>
2.1. Processos de Integração.....	15
2.2. O Bolsonarismo e a América Latina .....	19
2.3. “Ideologias bolivaristas”.....	23
<b>3. A Análise do Discurso.....</b>	<b>25</b>
3.1. As análises do discurso.....	27
3.2. Ideologia e poder .....	29
3.3. ACD e as questões sociais.....	31
3.4. Enunciação e modos de dizer do Jornalismo Declaratório.....	32
<b>4. A inserção do Brasil na América Latina através do discurso bolsonarista .....</b>	<b>38</b>
4.1. Porta-vozes do bolsonarismo.....	40
4.2. Constituição do <i>corpus</i> de análise.....	44
4.3. A América Latina nos jornais.....	46
4.4. O discurso bolsonarista sobre a América Latina .....	52
<b>5. Considerações finais .....</b>	<b>67</b>
Referências.....	70

## 1. Introdução

A vitória, com 55% dos votos válidos nas urnas em outubro de 2018, levou Jair Bolsonaro, na época filiado ao Partido Liberal (PL), à presidência do Brasil. O candidato venceu o segundo turno do pleito presidencial contra Fernando Haddad, ex-prefeito de São Paulo, do Partido dos Trabalhadores. O novo governo, empossado em 2019, seria caracterizado pela continuidade de aspectos da gestão de Michel Temer, como a abordagem reformista e a maior aderência a uma perspectiva econômica neoliberal. No entanto, seria principalmente marcado pela ruptura com os 13 anos dos governos petistas anteriores. Nesse sentido, destacam-se aspectos relacionados a políticas públicas, como a redução dos investimentos na área, uma nova abordagem da segurança pública, resultando em um aumento na emissão de licenças para porte de armas de fogo, e uma postura diplomática diferente, entre outras coisas.

Com um forte alinhamento político aos Estados Unidos, governado por Donald Trump à época da vitória de Bolsonaro, e um histórico de críticas a países latino-americanos, principalmente Cuba e Venezuela, já era esperada uma mudança de paradigma em relação à região. As perspectivas foram aparentemente confirmadas quando, em 2020, Ernesto Araújo, escolhido como Ministro das Relações Exteriores no início do mandato de Bolsonaro, declarou durante um discurso no Palácio do Rio Branco: "Que sejamos um pária". Essa declaração se tornou famosa e não só marcou a passagem do chanceler pelo cargo, como também definiu a tônica da diplomacia da gestão de Jair Bolsonaro.

Chaloub (2020) destaca que, para o espectro da direita brasileira em que o governo Bolsonaro e seus representantes estão inseridos, uma suposta "latino-americanização" do Brasil significa desordem, anarquia e crise. Por meio de uma uniformização das experiências políticas latino-americanas, esse grupo político resume a região como sendo "populista" e "bolivarianista".

Tendo em vista esse contexto, este Trabalho de Conclusão de Curso busca entender como, na prática, Jair Bolsonaro e os porta-vozes de sua gestão, aqui referidos como agentes do bolsonarismo, inserem o Brasil na América Latina (AL) ou o excluem dela. Para isso, foram

analisados os discursos proferidos por eles à grande imprensa brasileira. De forma complementar, busca-se identificar a compreensão do bolsonarismo acerca da relação do Brasil com a AL e interpretar os aspectos políticos que compuseram a forma do governo elaborar sua relação com os países latino-americanos.

Mesmo com a derrota de Bolsonaro nas urnas, em 2022, considera-se que o bolsonarismo, fenômeno político conservador e de direita associado aos valores e estilo de governar do ex-presidente, deve continuar ecoando e influenciando na política brasileira. Vale ressaltar que o bolsonarismo não é algo novo no cenário político nacional, mas faz parte de um contexto mais amplo de ascensão da extrema-direita no Brasil, que remonta ao período escravista (REIS, 2021).

Dessa forma, esta pesquisa busca associar os campos da ciência política, relações internacionais e comunicação, com o objetivo de contribuir para uma análise mais precisa sobre o tema. A proposta interdisciplinar visa a uma compreensão mais aprofundada das relações entre o Brasil e a América Latina, bem como da maneira como parte da direita se associa a essa identidade.

De maneira mais objetiva, a análise concentra-se em como agentes de bolsonarismo inserem o Brasil na América Latina através de declarações feitas aos jornais brasileiros Folha de S. Paulo e O Globo, tendo como metodologia a Análise do Discurso. Junto a isso, busca-se compreender os aspectos políticos que moldam a forma do governo elaborar sua relação com a América Latina e interpretar como o bolsonarismo define a América Latina com base em suas declarações.

Nesta pesquisa, foram considerados como agentes do governo a terem suas declarações analisadas os seguintes representantes: o presidente Jair Bolsonaro, o ministro da Economia Paulo Guedes, os ministros de Relações Exteriores Ernesto Araújo e Carlos França, o vice-presidente Hamilton Mourão e o vereador pelo Rio de Janeiro Carlos Bolsonaro, conhecido como filho Zero Dois do presidente.

Além do próprio presidente, ponto central do que será analisado pela pesquisa, a escolha dos outros atores foi feita, primeiramente, a partir de hipóteses tendo como base a relevância das pastas assumidas pelos ministros para a diplomacia e o comércio exterior. Os papéis do Itamaraty

e da Economia são incontestes neste aspecto. A implementação da política externa brasileira e a definição de objetivos diplomáticos estratégicos são partes basilares do Ministério das Relações Exteriores, que é apoiado pela pasta da Fazenda<sup>1</sup> na formulação de políticas econômicas e comerciais do país.

A vice-presidência foi escolhida após a percepção, a partir da análise do material coletado, de uma presença relevante na construção de sentidos ligados ao bolsonarismo sobre a América Latina. O mesmo ocorreu com a escolha por Carlos Bolsonaro. Ainda que vereador, cargo sem grande projeção internacional, segundo filho do presidente, na defesa dos interesses do pai, fez viagens ao exterior em tom político e deu declarações relevantes sobre o que foi analisado nesta pesquisa.

O corpus desta pesquisa foi construído por meio da coleta de reportagens publicadas na Folha de S. Paulo e n'O Globo através da técnica da semana construída (KAYSER, 1964) no período entre janeiro de 2019 e junho de 2022. Os dois jornais foram escolhidos entendendo o espaço do jornalismo tradicional em pautar a opinião e o debate públicos e avaliando seu alcance. Ambos figuram entre os impressos que mais circulam e os sites que mais recebem visitas online. O Globo é o maior do país tanto no modelo impresso como no digital. Já a Folha se destaca por uma cobertura internacional robusta. Na análise, a América Latina ficou restrita a três países, Argentina, Paraguai e Venezuela, para que fosse possível debruçar mais atentamente nos dados coletados. Foram selecionadas 208 reportagens em que os vizinhos brasileiros são citados, independentemente do grau de relevância da informação à qual estão associados.

No próximo capítulo desta monografia, são apresentadas conceituações sobre a América Latina, as disputas em torno do conceito e discussões sobre seus processos integrativos. Além disso, será fornecida uma definição mais detalhada do bolsonarismo, um breve histórico desse fenômeno político e sua política externa, com ênfase na integração na América Latina.

---

<sup>1</sup> Apesar do uso da Fazenda neste texto para comparações e definições gerais sobre o órgão responsável pela política econômica nacional, no governo Bolsonaro, a pasta foi substituída pelo superministério da Economia, criado com a fusão dos ministérios da Fazenda, do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão e da Indústria, Comércio Exterior e Serviços.

No terceiro capítulo, são discutidas as análises de discurso e suas variações, como a Análise Crítica do Discurso, e como essas abordagens podem enriquecer a pesquisa ao examinar a interação entre ideologia, poder e discurso. Além disso, são explorados aspectos da prática jornalística, com ênfase na discussão sobre o jornalismo declaratório.

No quarto e último capítulo, é realizada uma análise mais abrangente do material coletado. Num primeiro momento, é trazida uma perspectiva mais ampla da cobertura da América Latina realizada pela grande mídia brasileira. Em seguida, será realizada uma análise específica do discurso bolsonarista em relação à América Latina.

## 2. América Latina: entre disputa e integração

A América Latina (AL) é uma região que compreende 20 países<sup>2</sup> das Américas do Sul, Central, do Norte e Caribe. O território latino-americano não é definido a partir de critérios estritamente geográficos, sendo a AL uma construção social e histórica que leva em consideração as características compartilhadas pelos países que compõem seu território, como a colonização europeia, o histórico similar de conflitos durante e após seu processo de independência, a forte influência de etnias indígenas e povos africanos em sua formação e, na atualidade, um cenário socioeconômico com índices semelhantes de desigualdade econômica e concentração de renda.

Conforme será explorado ao longo deste capítulo, a América Latina não é uma conceito estanque e pacificado, mas uma definição em disputa e que já adquiriu diferentes contornos em contextos históricos distintos. Como evidenciam Brasil e Cabecinhas (2014, p.125), “o próprio conceito de América Latina se constitui a partir de heterogeneidade, diversidade, unidade e conflito”, de modo que “os processos de identificação/desidentificação com a pertença a essa região enquanto um grupo psicológico de referência podem variar”.

O primeiro uso do termo teria sido feito em francês em meados do século XIX. Mignolo (2005) e Bethell (2009) consideram que o conceito começou a ser utilizado, primariamente, por intelectuais franceses, como “Amerique Latine”, para justificar o imperialismo francês durante o governo de Napoleão III no México, bem como a aquisição de territórios dos Estados Unidos. Segundo Bethell (2009, p. 290), “os franceses argumentavam que existia uma afinidade cultural e linguística, uma unidade entre os povos “latinos”, e que a França seria sua inspiração e líder natural (e seu defensor contra a dominação anglo-saxã)”.

---

<sup>2</sup> Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru e Uruguai. Há definições que incluem, nessa lista, nações caribenhas que passaram por processos de colonização parecidos com os desses 20 países e possuem uma constituição nacional de semelhante influência indígena e africana, mas têm como idioma oficial ou mais falado o inglês. Neste trabalho, serão mantidas as referências que consideram como países da América Latina apenas aqueles em que há predominância dos idiomas espanhol, português e francês nos dias de hoje - além das fortes características elencadas ao longo do texto.

A perspectiva é compartilhada por Mignolo (2005, p. 101), que acrescenta:

O conceito de "Latinidade" foi utilizado na França por intelectuais e oficiais do estado para exercer uma liderança na Europa entre a configuração de países latinos envolvidos nas Américas (Itália, Espanha, Portugal e a própria França), e permitiu também confrontar a contínua expansão dos Estados Unidos em direção ao Sul - sua compra da Louisiana de Napoleão e sua apropriação de vastas extensões de território do México. As elites crioulas brancas e mestiças, na América do Sul e nas ilhas caribenhas espanholas, após a independência da Espanha, adotaram a "Latinidade" para criar sua própria identidade pós-colonial. (MIGNOLO, 2005, p. 101, tradução nossa<sup>3</sup>)

Os primeiros americanos a utilizarem o conceito teriam sido o pensador chileno Francisco Bilbao, durante uma conferência, em 1856, e, três meses depois, o jornalista colombiano José María Torres Caicedo em um poema (Brasil e Cabecinhas; 2014). Caicedo é considerado como uma figura chave na disseminação da ideia ao longo de toda a América (MIGNOLO, 2005).

Apesar da fragmentação da América Espanhola, composta por 16 repúblicas já em meados do século XIX, políticos, intelectuais e escritores da região passaram a manter a ideia “de que existe uma consciência e identidade hispano-americana/latino-americana comum que supera os ‘nacionalismos’ locais e regionais.” (Bethell, 2009, p. 292). Ainda de acordo com Bethell, eles argumentavam que a América Latina era fundamentalmente distinta dos Estados Unidos, considerada a "outra" América.

A ideia e o uso do conceito de “Latinidade” foram incorporados e desenvolvidos pelos americanos do sul e do norte como uma ideologia que identificava e localizava as ex-colônias espanholas e portuguesas na nova ordem mundial global pós-independência. Tendo em vista este aspecto, Mignolo (2005) considera que "América Latina" foi o nome adotado pelos estados-nação que se formavam para identificar uma espécie de “restauração da civilização Católica” e descendente de países da Europa Latina na América. Ao mesmo tempo, o termo foi

---

<sup>3</sup> Do original, em inglês: “The concept of “Latinidad,” an identity asserted by the French and adopted by Creole elites to define themselves, would ultimately function both to rank them below Anglo Americans and, yet, to erase and demote the identities of Indians and Afro-South Americans. These are, in a nutshell, the history, meaning, and consequences of the “idea of Latin” America that I explore in more detail in the next two chapters.”

usado para reproduzir a ausência, iniciada no período colonial, de indígenas e afrodescendentes nessa “nova” sociedade.

Sendo a “Latinidade” produto de um processo que se iniciou no século XIX e não uma entidade pré-existente, única e homogênea da região (Mignolo, 2005; Canclini, 1990), o Brasil teve momentos de aproximação e de afastamento da identidade enquanto ex-colônia até décadas após sua independência. Segundo Bethell (2009), nos anos de 1800,

Nenhum dos políticos, intelectuais e escritores hispano-americanos que primeiro utilizaram a expressão "América Latina", e nem seus equivalentes franceses e espanhóis, incluíam nela o Brasil. 'América Latina' era simplesmente outro nome para América Española. (BETHELL,2009, p.293)

Por parte dos intelectuais e governantes brasileiros, havia uma diferenciação entre o país e a América Espanhola desde o Brasil Império.

Negava-se implicitamente a identidade sul-americana (ou mesmo americana) do país. O discurso oficial sobre a identidade brasileira procurava apresentá-la como um império que, ainda que tropical e distante, se assemelharia mais às monarquias européias e seria, assim, essencialmente distinto de seus vizinhos (VILLAFANE, 2014, p. 25).

Durante o seu processo de independência, o Brasil, “politicamente estável” e “civilizado”, considerava as repúblicas latino-americanas “violentas, extremamente instáveis e ‘bárbaras’” (BETHELL, 2009; MILANI, 2014, apud TANCREDI, 2016, p. 14). As elites políticas e econômicas brasileiras - do Império à então recente República - buscavam por referências europeias para a construção de uma identidade nacional. As diferenças entre o país e o restante da América Latina eram vistas com muito mais facilidade do que suas semelhanças.

A partir dessa perspectiva, comum até o século XIX, há autores que assumem uma compreensão crítica quanto a considerar o Brasil como parte integrante da América Latina, como Bethell (2009), que julga que os brasileiros passaram a adotar o conceito apenas quando os Estados Unidos começaram a pensar o país como “latin american”. O autor entende a categoria como “ultrapassada” e baseada numa perspectiva norte-americana.

É fato que parte dos brasileiros não usa a identidade latino-americana como primeira forma de auto identificação, como indica uma pesquisa coordenada pelo Centro de Investigação e Docência em Economia (Cide) do México e organizada no Brasil pelo Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (USP). A consulta, realizada em 2015, chegou à conclusão de que apenas 4% dos brasileiros se definem como latino-americanos, ante uma média de 43% em outros seis países latinos (Argentina, Chile, Colômbia, Equador, México e Peru).

Para Chaloub (2020), essa situação pode ser justificada não por um afastamento específico em relação à região, mas por uma falta de interesse geral do brasileiro por questões relacionadas à política externa como um todo. Ela considera que:

O Brasil é um país que por uma série de características históricas e geopolíticas apresenta um cenário político onde os temas globais, mesmo que sempre relevantes, são por vezes secundários ou ausentes na superfície do debate. (CHALOUB, 2020, p. 161)

De qualquer forma, esses aspectos não excluem a possibilidade da existência de uma "identidade da América Latina". Brasil e Cabecinhas (2014) argumentam que, embora seja desafiador analisar e discutir esse processo identitário, a condição dessa identidade pode ser considerada a partir de uma perspectiva “plural, flexível e sócio-historicamente construída”. Além disso, como apontam Farret e Pinto (2011, p. 32), “não podemos negar que existe, do ponto de vista geopolítico, uma região reconhecida mundialmente como sendo a América Latina”.

É possível ainda recorrer à perspectiva de Canclini (1990) de hibridização da cultura. No caso latino, o antropólogo ressalta as semelhanças culturais históricas e sociais presentes nos países latino-americanos, apesar das diferenças nacionais e influências culturais externas. Isso ocorre porque a latinidade não é estanque ou monolítica, assim como nenhuma identidade o é. A partir de Canclini, pode-se inferir que as diversidades presentes na região não anulam as possibilidades e complexidades de uma identidade latino-americana comum.

## 2.1. Processos de Integração

Após escassas tentativas de aproximação entre o Brasil e os outros países latino-americanos até o início do século XX, em 1948, há uma virada de chave. Nesse ano, aconteceu a Conferência Econômica Interamericana de Bogotá, na Colômbia, cujo objetivo era discutir a criação de uma organização econômica regional que promovesse o desenvolvimento econômico dos países latinos e reduzisse sua dependência em relação aos países desenvolvidos, como os Estados Unidos e as nações europeias.

Além do Brasil, à época governado pelo General Eurico Gaspar Dutra, estiveram presentes Argentina, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Guatemala, Honduras, México, Perú, Panamá e Venezuela.<sup>4</sup>

Mesmo que com disputas e rivalidades, a Conferência foi um marco na história da integração latino-americana e pontua a participação do Brasil como importante, tanto para o fortalecimento de sua própria relação com a América Latina, como também para a integração entre os outros países latinos (ALMEIDA, 2006) . É importante pontuar que o distanciamento dessa identidade não era um comportamento especificamente brasileiro, mas compartilhado, em algum grau, por países como Argentina e Uruguai, que se propunham diferentes da região, entre outros fatores, pela menor influência indígena e africana na sua população. Na atualidade, a maior constância de menções e referências à Argentina pelo presidente Jair Bolsonaro, em detrimento dos outros países da região, aparece como um reflexo disso.

Durante a Conferência, o Brasil apresentou propostas para a criação de um mercado comum e para a eliminação de barreiras comerciais. A Conferência é considerada como o pontapé inicial de um movimento que resulta, em 1960, na criação da Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC), e em, 1980, na assinatura do Tratado de Montevidéu, que estabeleceu a criação da Associação Latino-Americana de Integração (ALADI). Durante esse processo, o Brasil teve participação ativa em todas essas iniciativas de integração.

---

<sup>4</sup> Convenção Interamericana sobre a concessão dos direitos políticos à mulher. Núcleo de Estudos de Políticas em Direitos Humanos ligado ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <  
<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ICqfuzvG3qUJ:www.nepp-dh.ufjf.br/onu5-10.html&cd=11&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em 14, jan. 2023.

É oportuno notar a evolução da apropriação dos termos “americano” e “latino-americano”, tanto pelo Brasil, como pelos outros países da região. Em 1948, a conferência foi denominada de “Interamericana”, já a partir da década de 1960, o termo "latino-americano" ganhou força para identificar as propostas de integração regional.

Segundo Rossato (2003), as noções de regionalização e de integração, que se intensificam a partir dos blocos econômicos e das organizações governamentais, contribuem para “a formação de uma identidade latina comum”. Desta forma, é possível destacar que a aproximação política e econômica tem papel fundamental para o fortalecimento e para a manutenção da identidade latino-americana. Como exemplo, tem-se o maior destaque ao pertencimento do Brasil à região no pós-1945, justamente a partir do movimento da ampliação do nacional-popular e da construção de personas políticas, que foi comum aos governos de Getúlio Vargas (1930-1945), Juan Domingo Perón (1946-1955/1973-1974), na Argentina, e Lázaro Cárdenas, no México (1934-1940). (CHALOUB, 2020).

O fortalecimento das tentativas integracionistas surgidas no século XX também está relacionado a uma reação à predominância da influência dos Estados Unidos na América Latina. A partir do crescimento norte-americano, considera Rossato (2003), intensifica-se um reflexo sobre uma identidade comum e busca pela união regional objetivando alcançar fins comuns.

A década de 1990 e a virada do milênio marcam a consolidação desse processo integratório com participação de destaque do Brasil. A rejeição dos países sul-americanos ao projeto da Área de Livre Comércio das Américas (Alca), proposto pelo presidente norte-americano Bill Clinton, em 1994, durante cúpula em Miami, nos Estados Unidos, é considerado um exemplo da perda de influência estadunidense. O Brasil teve um papel importante nesse processo. O governo de Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), à época no seu primeiro mandato, tinha grande resistência ao projeto, pois temia que ele resultasse em uma dominação econômica dos Estados Unidos na região. Os países da América do Sul, em especial Argentina, Uruguai, Venezuela, Paraguai e Bolívia, foram os principais a fazer coro ao petista. Em 2005, após forte

pressão brasileira, os países membros da Alca concordaram em suspender suas negociações e o projeto foi oficialmente abandonado.

Em 2012, 10 anos após sua criação do Mercado Comum do Sul (Mercosul), o Brasil também teve papel importante na entrada da Venezuela no bloco. Costa e Thiery (2016) consideram que a chegada do país, que seria suspenso em 2016 por violações de cláusulas democráticas, fez com que o Mercosul articulasse, pela primeira vez, o continente, desde a bacia Prata à Bacia Amazônica.

Para Galinari (2018), esses episódios demonstram como o Brasil se consolidou enquanto liderança diplomática latino-americana. É importante destacar também que, com a consolidação do Mercosul, os tratados multilaterais se multiplicaram e foram reforçados em toda a região da América Latina (COSTA, 2009). A partir da participação brasileira nesses processos, é possível considerar que:

Ao invés de “absorver” os demais países, como era pensado pelos geopolíticos militares, o raciocínio geopolítico que dirigiu a política e a diplomacia brasileira pós-redemocratização, com destaque para os governos petistas, passou a enxergar o Brasil como o líder de um grande projeto de integração regional e de construção de uma Ordem efetivamente multipolar” (GALINARI, 2018, p. 194)

Ainda que haja um destaque na atuação brasileira para a integração latino-americana durante o governo Lula e mesmo a política externa do seu chanceler, Celso Amorim, ter tido pontos de distinção do seu antecessor, Celso Lafer, que exerceu o cargo durante a presidência de Fernando Henrique Cardoso, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), a política externa que se desenhava a partir dos anos 2000 estava mais na linha de “continuidade” do que de “ruptura” em relação ao que estava sendo feito anteriormente. (ALMEIDA, 2006).

A política externa brasileira, e conseqüentemente sua relação com a América Latina, passou por mudanças após o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016, quando Michel Temer, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), assumiu o poder e tomou outro

direcionamento político-ideológico durante sua gestão. A quebra de continuidade se intensifica ainda mais sob o governo de Jair Bolsonaro, à época do Partido Liberal (PL).

## 2.2. O Bolsonarismo e a América Latina

Para compreender com maior assertividade o momento político a ser analisado neste trabalho, é necessário entender como se define o fenômeno que o marca. Jair Bolsonaro se envolveu, de forma direta, com a política, em 1988, quando se candidatou ao cargo de vereador no Rio de Janeiro pelo Partido Democrático Cristão (PDC). À época, usou seu pleito para a defesa, principalmente, de pautas militares. Seu primeiro mandato aconteceu dois anos depois, em 1990, quando se tornou deputado federal pelo estado, ainda sob a mesma sigla.

O político foi eleito mais seis vezes para a Câmara de Deputados, entre os anos de 1994 e 2014, transitando, ao todo, por oito partidos<sup>5</sup>, todos alinhados à direita do espectro político. Entre as pautas defendidas pelas siglas pelas quais passou, se destacam: o conservadorismo social e nacional, o militarismo, a doutrina social cristã e o anticomunismo. Esses aspectos, presentes em maior ou menor grau a depender do partido, acabaram marcando de forma geral sua trajetória e, principalmente, seu governo enquanto presidente. Em outubro de 2018, Jair Bolsonaro, quando filiado ao PL, foi eleito o presidente da República brasileira com 55% dos votos, no segundo turno do pleito presidencial. Ele concorria com o ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad, do PT.

Reis (2021), propõe pensar a vitória de Bolsonaro e a ascensão da extrema-direita no Brasil, que faz parte desse quadro, a partir de três temporalidades, de longa, média e curta duração. Essa perspectiva indica que fenômeno que culminou com o resultado nas urnas em 2018 tem como base as tradições autoritárias de direita no Brasil.

---

<sup>5</sup> Bolsonaro passou pelos siglas: Partido Democrata Cristão (1988/1993), Progressistas (1993-2005/2016), Partido Progressista Reformador (1993/1995), Partido Progressista Brasileiro (1995/2003), Partido Trabalhista Brasileiro (2003/2004), Partido da Frente Liberal (2004/2005) Partido Social Cristão (2016/2018), Partido Social Liberal (2018/2019) e Partido Liberal (2021/presente). Ele esteve sem partido entre 2019 e 2021.

Reis elenca como exemplos as relações escravistas, o patrimonialismo e o mandonismo, o anticomunismo, que lançou as bases para as ditaduras do Estado Novo e Militar. “A combinação desses aspectos na longa duração estruturou uma sociedade marcada por desigualdades, hierarquia, violência, intolerância e discriminações” (Schwarcz, 2019 e Starling, 2019 apud Reis; 2019). Sendo assim, o bolsonarismo não pode ser considerado algo inédito, mas a reconfiguração de uma força conservadora que já existia no Brasil e atravessa grande parte da formação da sociedade brasileira.

Uma segunda temporalidade para a compreensão do fenômeno se refere ao período de 1988 a 2018. Conforme o historiador,

A grande conjuntura entre 1988 e 2018 oferece uma plataforma interessante para avaliar as circunstâncias e as opções que levaram à perda radical do prestígio de um sistema político que parecia tão promissor em fins do século XX. Trata-se de uma reflexão importante, eis que a vitória da extrema-direita e de Jair Bolsonaro está intimamente vinculada à desmoralização do sistema político atual. (REIS, 2021<sup>6</sup>)

O curto prazo, a terceira temporalidade, do fenômeno tem início não na vitória de Bolsonaro, mas, um pouco antes, na campanha presidencial. Ali, já estavam lançadas as bases e se alastrava o bolsonarismo, fenômeno que vai além da figura do ex-presidente e se expande a ações e princípios<sup>7</sup> compartilhados por membros diretos de seu governo, apoiadores dentro das esferas de poder federal e estadual e eleitores.

O bolsonarismo é (...) entendido como um fenômeno político que transcende a própria figura de Jair Bolsonaro, e que se caracteriza por uma visão de mundo ultraconservadora, que prega o retorno aos ‘valores tradicionais’ e assume uma retórica nacionalista e ‘patriótica’ sendo considerada profundamente crítica a tudo aquilo que esteja minimamente identificado com a esquerda e o progressismo. (FREIXO; PINHEIRO-MACHADO, 2019, p.19)

---

<sup>6</sup> AARÃO REIS, D. O bolsonarismo: uma concepção autoritária em formação. Instituto Humanitas Unisinos, 2021. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/607369-o-bolsonarismo-uma-concepcao-autoritaria-em-formacao-artigo-de-daniel-aarao-reis>>. Acesso em 30 mai. 2023.

<sup>7</sup> Como os já citados o conservadorismo social e nacional, o militarismo, a doutrina social cristã e o anticomunismo.

O doutor em filosofia e especialista em política Wilson Gomes (2019) acrescenta ainda o “fundamentalismo bíblico neopentecostal, ultraconservador, dogmático, intolerante nos costumes e extremamente proselitista, o antiglobalismo, o militarismo conservador e a categorização como “comunismo” qualquer política pública de proteção social” como partes constituintes do “ultraconservadorismo à brasileira que forma o bolsonarismo”<sup>8</sup>.

Com crenças muito parecidas às de Jair Bolsonaro, juntos, seus grupos de apoiadores são denominados de bolsonaristas ou ainda, pejorativamente, de “bolsominions” (Reis, 2020). O termo é proveniente da fusão das palavras “Bolso”, relativo ao sobrenome do ex-presidente, e “minion”, que, do inglês, significa servo, subordinado ou lacaios. A comparação também é feita entre seus apoiadores e os minions da animação “Meu Malvado Favorito” pela cor amarela das criaturas, em associação ao uso constante dos tons da bandeira brasileira pelos bolsonaristas e, para os críticos, a semelhança também se dá pelo suposto comportamento de uma obediência “cega” ao seu líder, como a relação dos personagens com o supervilão “Gru”<sup>9</sup>.

É importante destacar que o fenômeno político, em seus aspectos essenciais, apresenta especificidades no contexto sócio-político brasileiro, mas, segundo Reis (2020, p. 1), “insere-se em um contexto internacional de reação a mutações percebidas como ameaças mortais a tradições, valores e costumes”.

Neste sentido, o cientista político destaca seis aspectos centrais do avanço da extrema-direita global e sua relação com o Brasil. Eles são: o nacionalismo extremado; sua visada internacional, possível de ser notada em tentativas e práticas de articulação orgânica; seu viés antidemocrático; o conservadorismo social e religioso; a conquista da condição de ator relevante da luta política obtida através de uma ascensão rápida e a capacidade de integrar um conjunto de tendências de direita.

---

<sup>8</sup> GOMES, W. O bolsonarismo borbulhante. Revista CULT, jan. 2019. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/o-bolsonarismo-borbulhante/>> . Acesso em 05 jan. 2023.

<sup>9</sup> Entenda como os minions viraram apelido para os apoiadores de Bolsonaro. Folha de S. Paulo, jul. 2022. Disponível em

<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/07/entenda-como-os-minions-viraram-apelido-para-os-apoiadores-de-bolsonaro.shtml#:~:text=Concebido%20como%20uma%20esp%C3%A9cie%20de,hoje%20a%20esquerda%20busca%20recuperar>> Acesso em 05 jan. 2023.

A partir deste contexto macro, há pesquisadores que preferem não usar o termo “bolsonarismo” para evitar personificação exacerbada de Jair Bolsonaro ao fenômeno mundial, como é o caso de Rosa e Albuquerque (2019), que consideram que:

Chamar o momento político no Brasil de “bolsonarismo” é contribuir para a construção da figura de “mito” e dar protagonismo a um personagem que não é nem o formulador central das ideias, nem as aplica de forma sistemática e racionalmente ordenada. (ALBUQUERQUE; ROSA, 2019 p. 15)

Esta perspectiva considera que a eleição de Bolsonaro não deve ser individualizada, mas incluída no avanço do conservadorismo, acompanhado pela ascensão mundial da direita. Esta pesquisa, no entanto, trabalha a partir da nomeação deste fenômeno com destaque às especificidades brasileiras como bolsonarismo, tendo também em vista a incorporação do conceito pela imprensa, que o adotou amplamente em reportagens e análises.

Em retorno à discussão sobre política externa e integração latino-americana, o novo governo, empossado em 2019, foi marcado pela continuidade de aspectos da gestão de Michel Temer, a exemplo do caráter reformista e da maior proximidade com uma perspectiva econômica neoliberal<sup>10</sup>. Mas, por outro lado, pela ruptura com os 13 anos de governo petista anteriores.

Primeiro nome a ocupar o cargo de ministro das Relações Exteriores no governo Bolsonaro, Ernesto Araújo, em discurso, de 2020, que marcou sua passagem pela pasta e resumiu a tônica da diplomacia da gestão bolsonarista, anunciou: “Que sejamos um pária”. O posicionamento de “auto exclusão” das relações internacionais rendeu ao país um afastamento entre ele e a América Latina, que foi externalizado já na primeira entrevista do ex-ministro da Economia Paulo Guedes à imprensa internacional como nome cotado por Bolsonaro para assumir o cargo, antes mesmo de sua eleição. O episódio, que aconteceu em outubro de 2018, marcou também uma crise diplomática entre o país e a Argentina.

---

<sup>10</sup> Bolsonaro deu sequência ao que fazíamos”, diz Temer. Poder 360, jan. 2022. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/brasil/bolsonaro-deu-sequencia-ao-que-faziamos-diz-temer/>>. Acesso em 10. mar. 2023

Na ocasião, Paulo Guedes descreveu o Mercosul, do qual fazem parte, atualmente, junto ao Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, como “muito restrito”. Guedes alegou que, por causa do bloco, “o Brasil ficou prisioneiro de aliança ideológicas”, que seriam ruins para a economia. A alegação foi feita em resposta à jornalista Eleonora Gosman, correspondente do jornal argentino Clarín, um dos principais do país, em Brasília. “(...) Não é prioridade a Argentina. O Mercosul tampouco é prioridade”, continuou o economista, questionando a repórter: “De novo, pergunta mal feita, a pergunta é a seguinte: eu só vou comercializar com a Argentina? Não.<sup>11</sup> Só vou comercializar com a Venezuela, a Bolívia e a Argentina? Não. Nós vamos comercializar com o mundo.”

É preciso analisar nas entrelinhas a auto exclusão proposta por Araújo, e retirada por outros agentes do bolsonarismo. Para além do antiglobalismo e do nacionalismo exacerbado e conservado, quando acompanhada por uma aproximação aos Estados Unidos, ela pode ser um indício de um excepcionalismo que considera o status brasileiro como superior ao dos outros países da região e, por isso, tendo apenas os EUA como parceiro digno.

### 2.3. “Ideologias bolivaristas”

A palavra ideologia e suas derivações, como ideológico e ideologização, era corrente no léxico do ex-presidente Jair Bolsonaro, dos membros de seu governo e apoiadores. O vocábulo costuma ser acompanhado por uma conotação negativa, vide o conceito de ‘ideologia de gênero’, instrumentalizado durante a gestão contra pautas relativas aos direitos humanos. Na entrevista, Paulo Guedes também se refere ao Mercosul como um bloco que só negocia com países de “inclinações” e “ideologias” “bolivarianas”.

Como pontuado por Chaloub (2020), o governo Bolsonaro e seus representantes, através de uma uniformização das experiências políticas latinoamericanas, descreve os países da região como

---

<sup>11</sup> Declarações de Paulo Guedes sobre Mercosul surpreendem membros do bloco. G1, out 2018.

Disponível em

<<https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/10/30/declaracoes-de-paulo-guedes-sobre-mercosul-surpreendem-membros-do-bloco.ghtml>> Acesso em 05 jan. 2023.

“populistas” e “bolivarianos”. Para esse espectro da direita brasileira, uma suposta “latino-americanização” do Brasil significa desordem, anarquia e crise.

A postura gerou revezes na integração latino-americana. Em 2019, o Brasil, junto a Argentina, Chile e Paraguai, formalizou seu afastamento da União de Nações Sul-Americanas (Unasul), uma organização intergovernamental que une a maioria dos países da América do Sul. Na assinatura, Jair Bolsonaro defendeu a substituição do organismo por algo de maior flexibilidade e com a exclusão da Venezuela. Em substituição, o então chefe do executivo escolheu incluir o Brasil no Prosul, considerado uma organização com uma proposta de integração regional bem menos ambiciosa.

O movimento, aliado ao mal-estar do governo brasileira com a Venezuela, após o país entrar na lista das nações que não conheciam Nicolás Maduro como presidente, mas Juan Guaidó, marca o rompimento da tradição conciliatória brasileira na diplomacia, sobretudo, latino-americana. (GALINARI, 2019)

A elaboração do histórico e das disputas em torno dos sentidos da América Latina é parte essencial para a análise desta monografia. A pesquisa parte de um esforço interdisciplinar de reunir interseções de análises para compreender de forma mais rica e ampla tanto a como o discurso bolsonarista insere o Brasil na região, mas também como o jornalismo cobre a América Latina em seus portais.

Para tanto, não poderia trazer aspectos referentes às definições de Bolsonaro, suas temporalidades e formas assumidas ao longo do tempo. No próximo capítulo parte-se para a metodologia e os aspectos mais específicos da produção jornalística.

### 3. A Análise do Discurso

Discutida no capítulo anterior, a política externa brasileira sob o governo de Jair Bolsonaro foi marcada por mudanças de paradigmas em relação à postura diplomática que vinha sendo adotada pelo país desde a redemocratização. De forma mais contundente, é possível destacar uma descontinuação mais enfática quando é feita a comparação aos 13 anos de governo petista anteriores. Um momento-chave para a compreensão do que seria a nova política externa do país é o discurso do então chanceler Ernesto Araújo durante evento de formatura de novos diplomatas, em 2020, no Palácio do Rio Branco. Mesmo que não exposto diretamente no discurso de Araújo, a declaração “se a atuação da diplomacia do país faz de nós um pária internacional, então que sejamos esse pária” marca, entre outros aspectos das relações internacionais brasileiras, a decisão por um afastamento do país e da América Latina ou um ideário do que seria entendido como essa região.

Rosa e Albuquerque (2019, p. 15) propõem que a diplomacia brasileira foi utilizada pelo governo Bolsonaro como “um espaço de políticas declaratórias que buscam a fidelização de uma parcela mais radical do eleitorado”. As autoras também indicam que a postura discursiva teria gerado riscos para a reformulação de princípios históricos da ação externa do país e da própria estrutura do Ministério das Relações Exteriores.

Partindo desta perspectiva, esta pesquisa entende o discurso como fundamental na produção e reprodução de significados, bem como na construção de identidades e relações de poder. Conforme explicado por Fairclough (2001), ao abordar da função ideacional da linguagem, ou seja, a sua implicação na construção da realidade social, o discurso tem papel de constituir, reproduzir, desafiar e reestruturar os sistemas de conhecimento e crença. Desta forma, a Análise do Discurso (AD) e Análise Crítica do Discurso (ACD)<sup>12</sup> se tornam abordagens oportunas para a compreensão de como as declarações bolsonaristas inserem o Brasil na América Latina,

---

<sup>12</sup> Nesta pesquisa, a Análise do Discurso (AD) se refere à tradição francesa, também conhecida por Escola Francesa de Análise do Discurso. Nela estão Dominique Maingueneau e Michel Pêcheux - este menos explorado neste trabalho. A perspectiva do campo discursivo da linguística, marcada pela interdisciplinaridade e na relação entre linguagem e ideologia, desemboca na Análise Crítica do Discurso (ACD), de vertente inglesa. Na ACD, se inserem Norman Fairclough e o neerlandês Teun A. van Dijk.

identificando a compreensão desse fenômeno político acerca da relação do Brasil com a região e os aspectos políticos que compõem a forma do governo elaborar sua relação com o território latino-americano.

Para tanto, é preciso entender a área de estudo - marcada por uma diversificação e variedade de abordagens - o que será feito neste capítulo. De forma ampla, a Análise do Discurso é um campo de estudos que consiste em analisar a estrutura de um texto e compreender, entre outros aspectos, as construções ideológicas presentes nele. Segundo definição de Maingueneau (2006), a AD é uma “zona de contato entre a Linguística e as Ciências Humanas e Sociais”. Não se trata de uma análise textual apenas, mas de um exercício de compreensão contextual da estrutura discursiva em questão.

A partir de Verón (1987), é possível compreender o discurso, peça-chave da presente análise, como um sistema de comunicação que envolve produção, circulação e recepção de mensagens. O processo não diz respeito simplesmente a uma transmissão de informações, mas à maneira através da qual a realidade é construída e interpretada. O discurso, portanto, é uma forma de prática comunicativa que envolve uma interação complexa entre símbolos, estruturas sociais, poder e ideologia. É nele onde as relações de poder são efetivamente exercidas e concretizadas (Fairclough, 2001).

Uma perspectiva básica para a Análise de Discurso e cara a esta monografia é o entendimento do discurso enquanto prática social. Sobre esse aspecto, Fairclough explica:

Implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas possam agir sobre o mundo e, especialmente, sobre os outros, como também um modo de representação (...) O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91)

No Brasil, Adelmo Genro Filho (1987) apresenta essa compreensão ao jornalismo. O pesquisador elabora que a atividade jornalística é uma prática que ocorre dentro de uma estrutura de poder e é influenciada por interesses políticos, econômicos e ideológicos. Ao considerar o jornalismo como

uma prática social, Genro Filho destaca que o processo de produção noticioso é influenciado por fatores como relações de poder na relação, demandas do mercado e ideologias dominantes.

Moraes e Veiga da Silva (2019) compartilham dessa perspectiva. Segundo elas, o jornalismo pode ser compreendido como um reflexo da estrutura social em que está inserido, operando enredado às tramas de poder-saber. Desse modo, ao considerar ideia de prática social e da sua associação à prática jornalística, é possível reconhecer que os estudos sobre as produções jornalísticas tem se mostrado um espaço privilegiado para analisar questões sociais e políticas e compreender como a realidade é construída cotidianamente, sendo, portanto, um meio oportuno para o exame de como o bolsonarismo - e conseqüentemente, para este trabalho, sua cobertura noticiosa - entende o Brasil e o insere no contexto internacional.

### 3.1. As análises do discurso

Maingueneau (2014) considera que a definição de AD não está definitivamente estabelecida. Como citado previamente, trata-se de uma área de estudo diversificada com distintas abordagens e vertentes. Portanto, cada pesquisa deve levar em consideração a metodologia mais adequada aos seus objetivos.

Nesse sentido, este trabalho adota a divisão proposta por Fairclough (2001) entre duas categorias de abordagens: "não-críticas" e "críticas". É importante ressaltar que essa distinção não é absoluta.

As abordagens críticas diferem das abordagens não-críticas não apenas na descrição das práticas discursivas, mas também ao mostrarem como o discurso é moldado por relações de poder e ideologias e os efeitos construtivos que o discurso exerce sobre as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença (FAIRCLOUGH, 2001, p. 31).

As abordagens ‘não-críticas’<sup>13</sup> não serão aqui discorridas por não comporem a presente metodologia de análise. As abordagens ‘críticas’, por sua vez, englobam a linguística crítica e a abordagem francesa da análise do discurso, que se desenvolve com base na teoria de ideologia de Althusser. A perspectiva "crítica" será desenvolvida ao longo do texto, pois é de maior interesse para a análise realizada.

O livro “Análise Automática do Discurso”, do filósofo francês Michel Pêcheux, marca, em 1969, o estabelecimento da AD na França. A obra é considerada o primeiro momento de discussão de questões fundamentais sobre textos, leitura e sentido. Essa interpretação que considera o filósofo francês como o “pai” do estudo, entretanto, não é a única. Maingueneau (2006, p.1), por exemplo, considera "que houve diversos atos de fundação da AD”.

Para enriquecer a discussão realizada neste trabalho, é oportuno, junto às classificações de Fairclough, abordar as três maneiras de praticar a AD explicadas por Maingueneau (2014). A primeira consiste em utilizar o estudo para perguntar de maneira indireta questões filosóficas. O linguista considera, que nesse caso, a dimensão da análise empírica de discurso é secundária. A segunda forma se relaciona a uma perspectiva que vê na AD um conjunto de “métodos qualitativos” à disposição das ciências humanas e sociais, porém, deste modo, de acordo com ele, a AD não passa de uma espécie de caixa de ferramentas que permite construir interpretações em outras disciplinas.

A terceira, cujo o interesse também é enfatizada neste trabalho, é assim definida:

A terceira maneira consiste em ver na AD um espaço de pleno direito dentro das ciências humanas e sociais, um conjunto de abordagens que pretende elaborar os conceitos e os métodos fundados sobre as propriedades empíricas das atividades discursivas. Isso não quer dizer que a AD se reduza a uma disciplina empírica, mas ela deve se organizar tendo as pesquisas empíricas em vista (MAINGUENEAU, 2006, p. 2).

---

<sup>13</sup> As principais delas são: as abordagens dos pressupostos para a descrição do discurso na sala de aula; a análise da conversação; o discurso terapêutico e a análise do discurso desenvolvida pelos psicólogos sociais Potter e Wetherell.

Dentro da Análise do Discurso, há a corrente da Análise Crítica do Discurso (ACD), uma abordagem teórico-metodológica que parte do campo mais amplo da perspectiva clássica do estudo da linguagem para trazer questões mais específicas, enfatizando as dimensões críticas, políticas e ideológicas do discurso. Os autores Karl Marx e Michel Foucault, que teorizam sobre esses aspectos, inspiram essa perspectiva, considerando a dimensão política presente em toda enunciação. A corrente se aproxima da perspectiva defendida pelo linguísta americano Gee (2005) de que o uso da língua é sempre e em todo lugar político.

Fairclough (1985), em sua obra seminal sobre a corrente intitulada "Critical Discourse Analysis", ressalta a importância de compreender como o discurso desempenha um papel crucial na construção e reprodução das desigualdades sociais e das relações de poder ao realizar uma análise crítica.

Na ACD é enfatizada uma “abordagem tripartite” (Fairclough, 1985) que leva em conta as análises textual, discursiva e sociopolítica. Há ênfase nas práticas discursivas, nos contextos sociais e nas ideologias subjacentes. Essa corrente também é conhecida como Análise Crítica do Discurso, sendo representada pela sigla CDA, e ganhou força principalmente entre pesquisadores anglófonos a partir da década de 1990.

De forma ainda mais enfática que na AD, a explanação dos fenômenos sociais é ponto-chave das análises que se voltam a essa perspectiva. Maingueneau (2001) também a considera como uma "análise política do discurso". Os conceitos de poder e ideologia, bem como a noção gramsciana de hegemonia, atravessam o estudo.

### 3.2. Ideologia e poder

Aqui, recorre-se ao manual de instruções presente no capítulo “Dicionário das ideias não-feitas”, do livro “Fragmentos de um tecido”, de Eliseo Verón (2004)<sup>14</sup>, para conceituar esses termos.

---

<sup>14</sup> O texto, organizado como um dos capítulos primeira parte do livro de 2004, foi escrito e publicado pela primeira vez em francês, em 1979, a pedido da revista *Connexions*. A publicação solicitou a vários autores que escrevessem sobre o tema “Poder dos discursos” a partir de sua perspectiva pessoal. Verón optou por fazer como um dicionário evocando o livro “Dicionário das ideias feitas”, de Gustave Flaubert.

Como o semiólogo comenta, é preciso, primeiramente, ter a compreensão de que os conceitos existem também fora das delimitações de seu marco teórico, “ou seja, dentro das próprias práticas sociais”. É o caso da noção de “ideologia”, que é tanto parte do objeto a ser estudado quanto do discurso sociológico da proposta de descrição do próprio objeto. Isso acontece “porque o funcionamento das ideologias não é alheio à sua denominação” (VERÓN, 2004, p. 55). Desta forma, Verón propõe, como forma de se desassociar do uso corriqueiro, “social e pré-científico” desse entendimento, que é preciso que seja posta a diferença entre a noção de “ideologia” e de “ideológico”

Lidamos não com a Ideologia e sim com ideologias. Falar da Ideologia é confundir o emprego “espontâneo” e a utilização teórica. É melhor marcar a passagem para o nível teórico com uma mudança no termo: é o papel do conceito de ideológico. (VERÓN, 2004, p. 55)

A distinção entre "ideologia" e "ideológico" proposta por Verón é importante para entender o estudo da análise ideológica. Enquanto a ideologia está relacionada aos produtos do discurso, como ideias e opiniões, o "ideológico" refere-se às gramáticas de produção presentes nas condições de produção do discurso. Isso quer dizer que, “a análise ideológica é o estudo dos traços que as condições de produção de um discurso deixaram na superfície discursiva.” (VERÓN, 2004, p. 54)

Essa distinção evita confundir o "ideológico" com juízos de valores, como a noção de verdadeiro e falso, ou com conceitos como alienação e deformação do real. Verón ressalta que esses julgamentos são feitos precisamente sobre uma ideologia a partir de outra. “Em nossas sociedades, não há discursos que sejam produzidos fora de condições econômicas, sociais e políticas determinadas” (VERÓN, 2004, p. 61).

Para Verón, em sua sociossemiótica, o “ideológico” relaciona-se ao “poder”. No entanto, é importante destacar que poder e ideologia, embora estejam associados e às vezes confundidos, não são as mesmas coisas. Como o semiólogo descreve, o poder se relaciona aos efeitos de

---

Em sua língua original, a publicação do autor de Madame Bovary seria “Diccionnaire des idées reçues”. Nesse contexto, “idées reçues” também pode ser traduzido como “preconceitos”.

sentido do discurso. "É o nome do sistema de relações entre um discurso e suas condições (sociais) de reconhecimento." (VÉRON, 2004, p. 59). Parte dessa definição é o reconhecimento do poder como algo que não funciona "sempre e todo lugar com uma mesma gramática".

Em resumo, a análise ideológica busca compreender os traços deixados pelas condições de produção do discurso na sua superfície discursiva, enquanto o poder está relacionado aos efeitos de sentido desse discurso e às relações entre o discurso e suas condições sociais de reconhecimento. Trabalhar com esta perspectiva na monografia é parte da hipótese de que haverá críticas e embates no texto a partir de conceitos ligados à "ideologia".

### 3.3. ACD e as questões sociais

Tendo em vista a elaboração das problemáticas do "ideológico" e do "poder" no campo, questões relativas à desigualdade social, preconceitos e outras disfunções sociais encontram um espaço oportuno na Análise Crítica do Discurso. Como definem Wodak e Meyer (2009, p. 10, apud MAINGUENEAU, 2014, p. 54): "A ACD visa estudar de maneira crítica a desigualdade social tal como é expressa, constituída, legitimada e assim por diante pelo uso da língua (ou discurso)"

De forma parecida, Van Dijk (1996, p. 27, apud MAINGUENEAU, 2014, p. 55) descreve a prática como "uma análise sociopolítica (conduzida por cientistas) que estuda as diferentes formas de poder (ou abuso de poder) nas relações entre os sexos, as raças e as classes"

Com o amparo ACD busca-se desvendar como o discurso participa na construção e estabilização de fenômenos e distorções sociais, revelando a forma como as relações de poder são negociadas ou impostas por meio do discurso, e como as ideologias são produzidas e reforçadas por ele.

Estando, assim, o discurso intrinsecamente ligado às relações de poder, ele é usado para promover ideologias específicas, a Análise Crítica propõe uma dimensão importante para esta pesquisa.

O discurso, em sua dimensão política, está envolvido, portanto, na construção e na manutenção de estruturas políticas e na reprodução de relações de poder existentes. Nesse sentido, o discurso também é usado para exercer e contestar poder e manifestações de poder nas estruturas e padrões da língua. É oportuno retomar a perspectiva que abre este capítulo, de que a diplomacia brasileira foi utilizada pelo governo Bolsonaro como um espaço de divulgação de políticas declaratórias que buscam a fidelização de uma parcela mais radical do eleitorado, postura que teria refletido no isolamento do Brasil das discussões geopolíticas e na própria estrutura do Ministério das Relações Exteriores (BRASIL & CABECINHAS, 2009).

A análise proposta por este trabalho encontra na ACD um espaço para desenredar seu objetivo de identificar a forma como o fenômeno político do bolsonarismo compreende a relação do Brasil com a América Latina e os aspectos políticos que compõem a maneira como o governo trata essa relação.

Ainda que ADC tenha ganhado espaço no campo linguístico e sociológico e, por vezes, apartada da AD, Maingueneau (2014, p. 65) destaca que a corrente não se apoia sozinha na “criticidade”: “A Análise crítica só é possível porque a análise do discurso é de certa maneira já crítica, porque existe uma continuidade natural entre a análise dos poderes do discurso e a crítica dos discursos de poder”

### 3.4. Enunciação e modos de dizer do Jornalismo Declaratório

Esta monografia busca não só entender o discurso bolsonarista feito aos jornais em coletivas e entrevistas, mas também como a própria imprensa o veiculou durante o período analisado. Sendo abordados esses dois aspectos, entende-se necessário recorrer à conceituação de Verón (2004) sobre enunciação. As concepções são chave para compreender a produção, a disseminação e o significado do discurso em diversos contextos. Para esta análise, não importa apenas o que é dito pelos agentes do bolsonarismo, mas a maneira como é dito e reproduzido pelos jornais. O uso desses conceitos é interessante para a compreensão do que, entre aquilo que é corrente no discurso do fenômeno político que envolve o ex-presidente, a própria imprensa opta por destacar

ou dar menor ênfase. Como escrito por Verón (2004, p. 218) “todo suporte de imprensa contém seu dispositivo de enunciação”.

A forma como um discurso é produzido, e todas as particularidades que o envolvem, diz respeito a sua enunciação. Diferentemente do enunciado, que trata da ordem do que é dito (o conteúdo) a enunciação diz respeito aos modos de dizer. Essa distinção, considera Verón, é fundamental para compreender o funcionamento da imprensa escrita. Enquanto o enunciado é algo fixo e estático, a enunciação se relaciona aos aspectos contextuais da produção discursiva.

A enunciação faz parte de uma teia discursiva em que é influenciada pelo contexto em que acontece, pelas características do emissor, pelo destinatário e pelas relações de poder e de significado que permeiam a comunicação. Compreendendo-se que a mensagem não produz apenas um efeito, mas um campo de efeitos de sentido, a enunciação, trata-se, portanto, de um processo dinâmico, amplo e contextualizado.

O semiólogo argentino também propõe um dispositivo de enunciação que envolve o enunciador, quem fala ou o lugar de quem fala; o destinatário, visto que o produtor de discurso também define o seu destinatário quando constrói o seu lugar no discurso; e a relação enunciador-destinatário, proposta no e através do discurso<sup>15</sup>, um acordo tácito, explícito ou não, entre autor e leitor a respeito de como o texto será interpretado e lido<sup>16</sup>.

Essa ferramenta possibilita a análise de como os jornais Folha de S. Paulo e O Globo cobrem o discurso bolsonarista, seja por meio dos enunciados que recebem destaque na hierarquização do texto ou na distinção entre o que é noticiado de forma mais detalhada e o que é trazido de maneira mais geral. Esse tipo de escolha textual indica também o que é posto como assunto familiar e próximo ao leitor em relação à América Latina e o que é mais distante e exige uma “postura mais didática” do texto.

---

<sup>15</sup> O conceito é proveniente do Leitor-Modelo, de Umberto Eco (1962).

<sup>16</sup> Eliseo Verón utilizou também, em suas análises, a metodologia do Contrato de Leitura. Tal perspectiva explica as relações que são construídas, ao longo do tempo, entre veículos de comunicação e leitores. O contrato de leitura pode ser uma ferramenta interessante para pensar o pacto que os jornais fazem com o leitor brasileiro sobre América Latina, por exemplo.

Outra noção que serve de apoio para a compreensão da forma como o discurso dos agentes do bolsonarismo é veiculado pela imprensa é a do jornalismo declaratório. O entendimento do termo, enquanto uma categoria de análise, é recente e acompanha críticas à produção jornalística pautada apenas pela reprodução de falas, principalmente num contexto em que o discurso de ódio e a desinformação passam a assumir papel de destaque, como estratégia política, nas declarações de líderes em todo o mundo.

Um exemplo que traz a inserção de Jair Bolsonaro neste contexto é a pesquisa realizada por Lobo e Conceição (2019) em artigo que buscou identificar, nas comunicações do ex-presidente, o discurso de ódio e o uso do termo fake news. Apenas nas declarações feitas através do Twitter, 60% contavam com a presença de incitação ao ódio atrelada principalmente ao conteúdo da categoria Ideológico/Partidário.

Não era incomum que veículos trouxessem as desinformações e declarações agressivas enunciadas pelo então presidente sem quaisquer tipos de contrapontos imediatos em títulos, linhas-finas e, até mesmo, ao longo do texto. Como é o caso de uma declaração dada pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, em 2020, no Fórum Econômico Mundial de Davos, na Suíça. Na ocasião, Guedes disse que “o pior inimigo do meio ambiente é a pobreza” e justificou a fala afirmando que o meio ambiente é destruído pelas pessoas “porque elas precisam comer”.

As frases foram título de matérias em alguns dos principais veículos do país, vide G1, UOL e Exame (Figuras 1 e 2), que reproduziram o que foi dito em textos que traziam uma mera reprodução do discurso do ministro no evento, sem qualquer esforço de checagem ou análise da informação dada.

Figura 1 - TÍTULO DE MATÉRIA DO PORTAL UOL



FONTE: Captura de tela do site do Uol

Figura 2 - TÍTULO E LINHA FINA DE MATÉRIA DA REVISTA EXAME



FONTE: Captura de tela do site da Exame

Um dos primeiros trabalhos a se debruçar sobre a compreensão do Jornalismo Declaratório é o texto “Uso y abuso de ‘declaraciones’ el vicio de la prensa”, de Bezunartea (1998). Na pesquisa, a autora realizou uma Análise de Conteúdo de seis dos principais jornais da Espanha. O intuito era examinar nas páginas de informação política a proporção de opiniões, as fontes que a emitem e o tom geral da relação entre os políticos para entender o papel da imprensa como instrumento de confirmação da opinião pública no sistema democrático espanhol. Entre outras conclusões, Bezunartea depreendeu que a atenção preferencial para as notícias negativas sobre os responsáveis pelos assuntos públicos era complementada pela prática do jornalismo “de declarações”. Quanto mais negativo, mais ingredientes de tensão e conflito eram adicionados.

Na imprensa brasileira, é notável como um dos episódios em que o jornalista Caco Barcellos, durante participação do programa Em Pauta, da GloboNews, fez críticas à forma como o jornalismo, baseado em declarações, estava cobrindo um momento que foi rotulado pela imprensa como “faxina de Dilma Rousseff”, em que a ex-presidente trocou oito ministros num período de nove meses.

Eu tenho uma preocupação com este momento da imprensa brasileira. Parece que muitas das acusações que faz a imprensa estão sendo baseadas em declarações de uma determinada fonte. Evidentemente, boa parte dos que fazem isso de matéria é de jornalista muito criterioso e tem cuidado antes de divulgar a informação, mas há colegas que já divulgam sem sequer checar o outro lado, sem sequer fazer uma apuração mínima antes de saber se há procedência ou não na acusação. (EM PAUTA, 2011).

De acordo com Oliveira (2020), o questionamento de Barcellos incentivou a iniciativa de se investigar esse tipo de jornalismo.

Tendo em vista os pontos supracitados, é importante destacar a relevância da pesquisa sobre a prática declaratória, visto que ela pode “servir como um guia para identificar se as declarações coletadas diariamente em entrevistas ou notas oficiais foram transcritas sem apuração, se são verdadeiras ou não e se realmente servem à sociedade”. (OLIVEIRA, 2020)<sup>17</sup>

Não há uma definição clara do que, ao certo, é o jornalismo declaratório, já que o conceito não está presente em manuais de redação e sua aparição em textos acadêmicos é recente. Neste trabalho, se compreende a prática a partir das características consideradas pela pesquisa de Cruz (2022), que entende alguns pontos próprios ao conceito. Segundo levantamento do autor, uma característica da prática é a ausência de contraponto às declarações. No que se refere aos atos de fala, percebeu-se também a presença de atos ilocucionários assertivos (descrição da realidade); expressivos (que manifestam sentimentos); e compromissivos (quando o interlocutor se

---

<sup>17</sup> OLIVEIRA, I. D. O que é jornalismo declaratório? Livro-Reportagem Em Revista. Disponível em: <<https://livro-reportagem.com.br/o-que-e-jornalismo-declaratorio/>>. Acesso em 10 de mai. 2023.

compromete com algo). Para Oliveira (2020), outro ponto característico é o fato de que, na política, o jornalismo parece se desenvolver de forma mais perversa.

Leite (2021)<sup>18</sup> também considera que a produção jornalística baseada apenas em declarações é recorrente em toda a imprensa nacional, mas, principalmente, na cobertura política. A autora define: “Além de ser mais rápido, pois a checagem resume-se a presenciar a declaração da figura pública, esse tipo de notícia repercute facilmente”. É possível associar essa perspectiva com a conclusão do estudo de Bezunarte, de como a atração preferencial por notícias de viés negativo, tensão e conflito, estavam relacionados com o uso do jornalismo declaratório. No contexto atual, é possível associar os títulos muitas vezes polêmicos a partir de declarações soltas, como maior interesse e acesso de leitores na internet.

Bolsonaro parece ter entendido como funciona o jornalismo declaratório e procura utilizá-lo na manutenção de sua imagem pública, sem preocupar-se com o teor e o conteúdo das declarações noticiadas. (LEITE, 2021)

Além disso, existe outro aspecto pelo qual se considera que o jornalismo declaratório “jogou a favor do bolsonarismo”. Moraes (2022) avalia que a prática naturalizou os discursos de ódio e desinformação disseminados pelo ex-presidente.

---

<sup>18</sup> LEITE, S. M. **Chega de mimimi e as armadilhas do jornalismo declaratório**. Observatório da Imprensa, 21 mar. 2021. Disponível em <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/cheга-de-mimimi-e-as-armadilhas-do-jornalismo-declaratorio/>. Acesso em 29 abr. 2023.

#### **4. A inserção do Brasil na América Latina através do discurso bolsonarista**

A análise de como o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro insere o Brasil na América Latina (AL) por meio de declarações feitas a jornais brasileiros é o principal foco deste trabalho de conclusão de curso. Ao longo dos dois primeiros capítulos, esta pesquisa refletiu sobre os conceitos de bolsonarismo, América Latina e política externa brasileira, como suporte para elaborar uma interpretação de como o porta-vozes da gestão do ex-mandatário, aqui referidos enquanto agentes do bolsonarismo, compreendem a região e a inserção do país nela, através do seu discurso. De forma complementar, busca-se identificar a compreensão do bolsonarismo acerca da relação do Brasil com a AL e entender os aspectos políticos que compuseram a forma do governo elaborar sua relação com os países latino-americanos.

Neste capítulo, recorre-se à Análise do Discurso de linha francesa para observar a estrutura dos textos jornalísticos selecionados, a fim de compreender as construções ideológicas presentes neles. Este trabalho entende o discurso como detentor de um papel fundamental na produção e reprodução de significados, bem como na construção de identidades e relações de poder. Para analisar como o discurso sobre a América Latina é construído pelo bolsonarismo, foram exploradas as declarações dadas por Bolsonaro e os principais agentes do bolsonarismo do seu governo, aos jornalismo tradicional brasileiro - por vezes, também chamado de grande mídia. O corpus de análise é composto por matérias veiculadas entre janeiro de 2019 e junho de 2022 nos jornais Folha de S. Paulo e O Globo.

A escolha por esse tipo de produção jornalística se dá pela compreensão de que os veículos de comunicação de massa, a grande mídia, têm alcance e influência mais amplos. Os jornais assim caracterizados possuem, quase sempre, uma trajetória longa, por vezes, centenária, e costumam estar associados a grandes conglomerados de mídia. Seja pelo alcance ou pelo prestígio adquirido

ao longo do tempo ou pela influência que passa pelo respaldo de seus donos na sociedade<sup>19</sup>, eles assumem um papel importante no debate público e na construção da realidade social.

Ao longo do governo Bolsonaro, sites, redes e veículos - que já existiam antes mesmo do ex-presidente passar a ocupar o Palácio da Alvorada, em Brasília - ganharam destaque por adotarem uma postura ativa de alinhamento ou crítica ao ex-mandatário. A Jovem Pan, rede de rádio e TV criada em 1994, alcançou índices recordes de audiência durante a presidência de Jair Bolsonaro e se destacou como uma espécie de porta-voz do bolsonarismo, com publicações amplamente difundidas entre os seguidores do político. Embora reconheça o alcance desse veículo, a pesquisa não se debruça em casos com este tipo de perfil, que têm como público-alvo um nicho específico de audiência<sup>20</sup> e assumem um viés ideológico único em seu conteúdo.

O mesmo critério foi aplicado para excluir veículos independentes, como O Antagonista e Carta Capital, que possuem linhas editoriais declaradamente alinhadas, respectivamente, à direita e à esquerda política. Apesar dessa comparação, é importante reconhecer que as mídias citadas não podem ser consideradas meros opostos, resguardando entre si idiosincrasias que não serão aqui elaboradas. Além disso, é reconhecido por este trabalho que nenhum veículo do jornalismo tradicional está imune de aproximações políticas, que podem até mesmo nortear a preferência por determinados enquadramentos e agendamentos. No entanto, optou-se por aqueles que não têm uma orientação manifesta explicitamente na sua produção noticiosa, considerando também que a produção de editoriais não representa o tom do que é produzido jornalisticamente. Optou-se também por não incluir veículos focados em jornalismo investigativo, como The Intercept e Agência Pública, dando foco ao noticiário diário.

Entre os principais jornais do país, considerados como grandes veículos de mídia, destacam-se a Folha de S. Paulo e O Globo, escolhidos como foco da análise. A seleção foi baseada principalmente em critérios no alcance desses veículos e na extensão de sua cobertura política,

---

<sup>19</sup> A Folha de S. Paulo e O Globo são negócios de famílias influentes, os Frias e os Marinho, respectivamente, de prestígio social não só pelos seus jornais, mas também pela condução de outros empreendimentos. Além do jornal, o Grupo Folha também está à frente do meio de pagamento PagSeguro, o instituto de pesquisa DataFolha e a editora PubliFolha. O Grupo Globo tem a Editora Globo, além de diversas subsidiárias em jornais, rádios e na televisão.

<sup>20</sup> O veículo passou a ser reconhecido como um “canal bolsonarista” por críticos e apoiadores do ex-presidente.

econômica e internacional - áreas em que a maioria das declarações de Bolsonaro e seus aliados mais próximos foram encontradas.

Jornal de maior circulação no Brasil desde 2021, o Globo foi fundado, em 1925, no Rio de Janeiro. É parte do Grupo Globo, o maior grupo de mídia do país, do qual também participam a Rede Globo de Televisão e a rádio CBN. O periódico impresso tem circulação média de 60,7 mil exemplares diários e o seu site, também com o maior número de acessos em relação aos outros veículos, tem uma média de 708,9 milhões de visitantes mensais, segundo a plataforma Similar Web. Tradicionalmente, o “carro-chefe” do jornal é o Primeiro Caderno, com as editorias de País, Mundo, Economia, Rio, Sociedade, Esportes e Opinião.

Já a Folha de S. Paulo, fundada em 1921, na capital paulista, ocupa o 4º lugar entre os jornais de maior circulação no país, com saída de 48,08 mil exemplares diários. O seu site recebe uma média de 35 milhões de visitantes mensalmente, de acordo com o Similarweb. Assim como o Globo, o periódico faz parte de um dos principais grupos de mídia brasileiros, o Grupo Folha - também subsidiário do portal Uol e do instituto de pesquisa Datafolha. Além de ser uma referência em mercado e política, o jornal possui uma cobertura internacional robusta a partir da editoria Mundo. Nela, há a subcategoria América Latina. O site também dá destaque a um segmento sobre a Venezuela. Dentro da editoria, há ainda o blog da jornalista Sylvia Colombo voltado para a cobertura latinoamericana. Com maior foco no noticiário internacional, a Folha é onde mais foram encontradas declarações de Bolsonaro sobre a América Latina.

#### 4.1. Porta-vozes do bolsonarismo

Para a análise do discurso da gestão de Bolsonaro sobre a América Latina, considera-se o conceito de bolsonarismo, definido por Freixo e Pinheiro-Machado (2019, p. 19) como um “fenômeno político que transcende a própria figura de Jair Bolsonaro, e (...) se caracteriza por uma visão de mundo ultraconservadora, que prega o retorno aos ‘valores tradicionais’ e assume uma retórica nacionalista e ‘patriótica’”, e os agentes diretos do governo Bolsonaro que realizaram declarações com constância significativa sobre política externa e trocas comerciais entre o Brasil e a região latinoamericana.

Inicialmente, foi estabelecida a busca por declarações de Jair Bolsonaro e do ministro da Economia, Paulo Guedes, nomeado pelo ex-mandatário como um de seus “superministros”. Além disso, foi considerada a busca pelas as declarações dos ex-chanceleres Ernesto Araújo e Carlos França, que estiveram à frente do Ministério das Relações Exteriores de 2019 a 2021 e de 2021 a 2022, respectivamente, e dos ex-ministros Walter Braga Netto e Ciro Nogueira, que ocuparam o cargo de chefe da Casa Civil por mais tempo.

A seleção desses nomes foi feita levando em consideração a relação e a atuação da chefia do Governo Federal com os ministérios que os escolhidos representam, bem como o tema a ser analisado. Também foi considerado o destaque político de suas gestões, sem juízos de valor quanto a qualidade ou não do papel desempenhado, e a associação mais costumeiramente feita entre eles e questões relativas à política externa. Esses foram os principais fatores considerados na construção da hipótese deste trabalho, de que os seis nomes teriam presença marcante no noticiário em declarações sobre a América Latina.

O Ministério da Economia (ME), responsável por coordenar a política econômica do Brasil, foi criado por Jair Bolsonaro em um dos primeiros atos de seu governo, a partir da fusão de várias pastas, incluindo a Fazenda, o Planejamento e o Desenvolvimento e Gestão da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. O economista e especulador financeiro Paulo Guedes ocupou o cargo de ministro da Economia durante toda a gestão do ex-presidente. O ME tinha como objetivo promover o desenvolvimento econômico do país e sua inserção na economia global. Guedes, seu representante, é considerado como um dos principais intelectuais públicos da ultradireita contemporânea (CHALOUB, 2020).

Fundamental à manutenção e ao desenvolvimento das relações entre outros países, o Ministério das Relações Exteriores (MRE) é o principal órgão de assessoramento do presidente na condução da diplomacia entre nações e órgãos. Durante o governo Bolsonaro, o Itamaraty, local que abriga a sede da pasta,<sup>21</sup> foi ocupado pelos chanceleres Ernesto Araújo e Carlos França. A gestão do primeiro foi marcada por crises diplomáticas e falas consideradas polêmicas, como a supracitada

---

<sup>21</sup> O Palácio do Itamaraty também é usado como um metônimo para o MRE.

condição brasileira de pária internacional. Com produção constante de artigos para seu blog de política<sup>22</sup>, atualmente desativado, Ernesto Araújo também é considerado um dos pensadores da direita alinhados ao bolsonarismo. Por outro lado, França, o segundo chanceler, numa gestão menos incisiva, buscou novas formas de diálogo com os outros atores internacionais.

A Casa Civil da Presidência da República, por sua vez, tem, de forma geral, o papel de auxiliar o mandatário do país na execução de suas funções. Em termos mais específicos de apoio à diplomacia, o órgão serve de amparo ao chefe de estado no aconselhamento quanto a questões políticas, econômicas e de segurança internacional; no desenvolvimento e na implementação de políticas externas; no briefing e na preparação de discursos e eventos internacionais e no gerenciamento de crises diplomáticas. O discurso de seu porta-voz costuma ser um dos mais alinhados ao presidente entre os que compõem seu quadro ministerial.

Quatro nomes ocuparam o cargo de ministro da Casa Civil durante o governo Bolsonaro: Onyx Lorenzoni, Walter Braga Netto, Luiz Eduardo Baptista Pereira e Ciro Nogueira. Dentre eles, Nogueira se destaca pela presença mais longa à frente do órgão, de quase um ano e meio. Lorenzoni e Braga Netto ocuparam o cargo por tempo similar, um pouco mais de um ano cada. Para manter a análise de dois ministros por órgão, o que possibilita um exame mais atento do material pesquisado, optou-se por escolher Braga Netto e Nogueira devido ao tempo de cada nome no cargo e na compreensão da relevância de sua gestão. Braga Netto é compreendido enquanto alguém de maior influência e ação no ideário bolsonarista, tendo sido escolhido vice-presidente de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2022, quando o ex-mandatário tentou, sem sucesso, repetir seu mandato.

No entanto, o recorte feito do material de análise, utilizando o método da semana construída, metodologia a ser desenvolvida no próximo tópico, não confirmou a expectativa da presença de todos os seis atores no noticiário. Não foram encontradas declarações dos ministros da Casa Civil sobre a América Latina no período analisado. Por outro lado, dois outros atores considerados agentes diretos do bolsonarismo neste trabalho apareceram com uma certa frequência: o

---

<sup>22</sup> O site se chamava “Metapolítica 17” e, até ser desativado, podia ser encontrado no link <https://www.metapoliticabrasil.com>

vice-presidente Hamilton Mourão e o vereador pelo Rio de Janeiro Carlos Bolsonaro, conhecido como o filho Zero Dois do então mandatário.

Apesar de ter sido deixado de lado por Bolsonaro em sua segunda disputa pelo pleito presidencial e ter passado por crises e estranhamentos com o político, Mourão, enquanto vice, não pode ser considerado um antagonista, mas parte atuante do fenômeno que envolve a presença política do ex-mandatário. Durante sua gestão, o vice, por vezes, protagonizou a agenda internacional, em encontros com grandes parceiros comerciais, como China e Estados Unidos, além de ter disputado com o presidente a relação do Brasil com a Venezuela, discussão que será elaborada em seguida nesta análise.

Mesmo não fazendo parte do centro da gestão, compreendida aqui pelo presidente e seus ministros, Carlos Bolsonaro teve considerável circulação internacional em defesa dos interesses do seu pai. O vereador chegou a receber a alcunha de ‘vereador internacional’ (Figuras 3 e 4) pela imprensa e pelos críticos. A relação entre o Brasil, as ações dos seus representantes, e outros países foram alvos de comentários do político carioca.

Figura 3 - TÍTULO DE MATÉRIA DA REVISTA CARTA CAPITAL



FONTE: Captura de tela do site da Carta Capital

Figura 4 - TWEET DO PERFIL DE CURADORIA DE NOTÍCIAS CENTRAL DA POLÍTICA



Central da Política  
@centralpolitcs



 Vereador internacional: Mesmo sem qualquer compromisso oficial previsto em Moscou, o vereador do RJ, Carlos Bolsonaro, acompanha o pai na viagem à Rússia nesta semana.



metropoles.com

FONTE: Captura de tela do Twitter

Tendo em vista não apenas a constância das declarações de Mourão e de Carlos Bolsonaro encontradas no material de análise, como também os pontos supracitados que indicam a interação dos dois atores com a política externa brasileira, foi considerada essencial a inclusão de ambos nesta pesquisa, em substituição aos chefes da Casa Civil.

#### 4.2 Constituição do *corpus* de análise

Para a análise das falas dos agentes do bolsonarismo, recorreu-se a uma pesquisa qualitativa através da técnica da semana construída. O método consiste em “iniciar o trabalho de análise de notícias num determinado dia da semana e, na semana seguinte, dar-lhe sequência utilizando o dia posterior, e assim por diante até que todos os dias fossem analisados” (FRANCO, 2010, p. 16). Dessa forma, foi selecionada uma semana de cada mês entre janeiro de 2019 e junho de 2022, totalizando 48 dias. O segundo semestre de 2022 foi excluído a fim de deixar de fora o

período de campanha presidencial, que teve início em 15 de agosto, além de evitar resquícios de uma maior antecipação do tema pelo governo no noticiário.

O método da semana construída foi escolhido tendo em vista a busca pela maior variedade possível de declarações e momentos políticos a serem abarcados pela pesquisa. A técnica promove uma compreensão mais ampla daquilo que se repete no noticiário em termos de estratégia discursiva, uso de fontes, palavras e expressões.

Além disso, para que fosse possível examinar as declarações de forma mais detalhada, decidiu-se por restringir o *corpus* a apenas três países: Argentina, Paraguai e Venezuela.

A escolha da Argentina foi orientada pela longa relação do país com o Brasil, marcada pelo amplo comércio bilateral e pelo histórico de cooperação e integração. Foi considerado também que o vínculo entre os dois países, desde o período colonial de ambos, apresentou altos e baixos, com momentos de tensão e disputa. O período da análise abrange o final do governo de Mauricio Macri, presidente de direita e alinhado politicamente a Bolsonaro, e o início da presidência de Alberto Fernandez, herdeiro do peronismo e com a presença, como vice, e Cristina Kirchner - aliada de longa data dos governos petistas.

Um cenário semelhante marca a relação entre Brasil e Paraguai. Com histórico de tensões e guerra, os vizinhos, atualmente, possuem uma aliança sólida em questões comerciais, com trocas bilaterais ativas. Foi na capital do país que ambos, junto a Argentina e Uruguai, assinaram o Tratado de Assunção, considerado o documento de fundação do Mercado Comum do Sul (Mercosul).

Além de participarem conjuntamente de uma das principais organizações de integração latino-americana, Brasil e Paraguai, compartilham a posse da Usina Hidrelétrica de Itaipu, empreendimento binacional que é a segunda maior barragem do mundo. Durante todo o governo Bolsonaro, a presidência paraguaia ficou a cargo de Mario Abdo Benítez, do Partido Colorado, eleito em 2018. Seu partido, fundado em 1887, é um dos principais do país, exerce forte

hegemonia na política paraguaia e está alinhado à direita conservadora, o que naturalmente resultou em uma aproximação ideológica com seus pares brasileiros.

País de grande relevância econômica e política no cenário latino-americano, a inclusão da Venezuela nesta análise passa não só pela relação entre o país e o Brasil, mas também pelo papel que o seu governo ocupa no debate político brasileiro e internacional. O intercâmbio comercial entre os dois países se intensificou entre o final do século XX e início do XXI, principalmente na área de energia, , mas diminuiu nos últimos anos, a partir da crise econômica e política enfrentada pela Venezuela. Desde sua campanha, o governo Bolsonaro adotou uma política crítica ao regime de Nicolás Maduro, considerado por ele um ditador, postura que causou um distanciamento diplomático entre os vizinhos.

#### 4.3. A América Latina nos jornais

Embora se trate de uma pesquisa com foco qualitativo, este trabalho recorreu a um breve esforço quantitativo para entender, de forma geral, qual espaço a América Latina, através dos três países, ocupa nos jornais analisados.

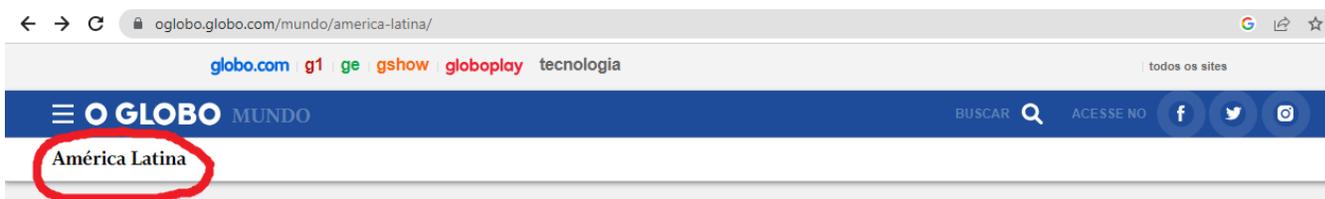
O corpus de análise consiste em 208 matérias publicadas com citações a Argentina, Paraguai e Venezuela. A pesquisa não se limitou a notícias sobre eventos ocorridos nos países ou que os envolviam diretamente, mas também considerou todas as menções feitas aos três países durante o período analisado. Neste momento, é apresentado um panorama geral da cobertura jornalística.

A Argentina desponta como o país mais citado, aparecendo em 141 das publicações. A Venezuela figurou em 96 notícias. Já o Paraguai, de presença mais tímida, esteve presente apenas em 50 reportagens.

Não é frequente ao longo do texto das reportagens serem incluídas referências aos países como parte da América Latina. O termo apareceu em 20% das menções, ou seja, 10 matérias. No entanto, nas editoriais do noticiário internacional, que em ambos os jornais recebe o nome de Mundo, os países são incluídos em tags, sessões e blogs referentes à AL (Figuras 5, 6, 7 e 8). Nos

dois casos, os tópicos podem ser acessados por um link próprio<sup>23</sup>. Nas matérias do impresso, não foram identificadas nenhuma subcategorização da editoria América Latina.

Figura 5 - SEÇÃO AMÉRICA LATINA DA EDITORIA MUNDO DO JORNAL O GLOBO



FONTE: Captura de tela do site de O Globo

Figura 6 - SEÇÃO AMÉRICA LATINA DA EDITORIA MUNDO DO JORNAL O GLOBO



FONTE: Captura de tela do site de O Globo

Figura 7 - SEÇÃO AMÉRICA LATINA DA EDITORIA MUNDO DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

<sup>23</sup> N° O Globo é possível acessar o <https://oglobo.globo.com/mundo/america-latina/>. A Folha tem o link <https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/america-latina/#30>

tópicos > américa latina



américa latina

FONTE: Captura de tela do site da Folha

Figura 8 - SEÇÃO AMÉRICA LATINA DA EDITORIA MUNDO DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO



FONTE: Captura de tela do site da Folha

De forma geral, é na editoria Mundo, no caso dos dois jornais, que os três países despontam no noticiário. A Venezuela (38) é quem mais aparece na editoria, seguida por Argentina (34) e Paraguai (15). A Folha de S. Paulo traz uma perspectiva mais atenta à esta cobertura. Como parte da editoria, o periódico traz a coluna Latinoamérica21, o blog da jornalista Sylvia Colombo, especializada em AL, além de contar com uma correspondente de Buenos Aires, a jornalista Júlia Barbonn.

Por outro lado, no Globo, a cobertura da América Latina na editoria é proveniente da replicação de agências internacionais europeias, como Reuters e AFP (Figura 9). Desta forma, a perspectiva

e cobertura dos fatos que acontecem na região é mediada por uma leitura e apuração que não são latino-americanas.

Figura 9 - EDITORIA MUNDO DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO



FONTE: Captura de tela do site da Folha

A presença de porta-vozes e especialistas em assuntos relacionados à América Latina na cobertura jornalística é um aspecto relevante nesta editoria. Um exemplo disso é a matéria intitulada "Empresários americanos elogiam Mourão e dizem que vice é fonte de estabilidade" (DIAS, 2019) publicada pela Folha. Nessa reportagem, foi apresentada a perspectiva de Jane Fraser, CEO para a América Latina do Citigroup, sobre o comportamento do vice-presidente Hamilton Mourão durante sua visita aos Estados Unidos.

Figura 10 - TRECHO DA MATÉRIA "EMPRESÁRIOS AMERICANOS ELOGIAM MOURÃO E DIZEM QUE VICE É FONTE DE ESTABILIDADE" DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

Em sua fala, Jane Fraser, CEO para a América Latina do Citigroup, por exemplo, afirmou que o comportamento calmo e firme de Mourão ajuda a construir a confiança do governo brasileiro.

FONTE: Captura de tela do site da Folha

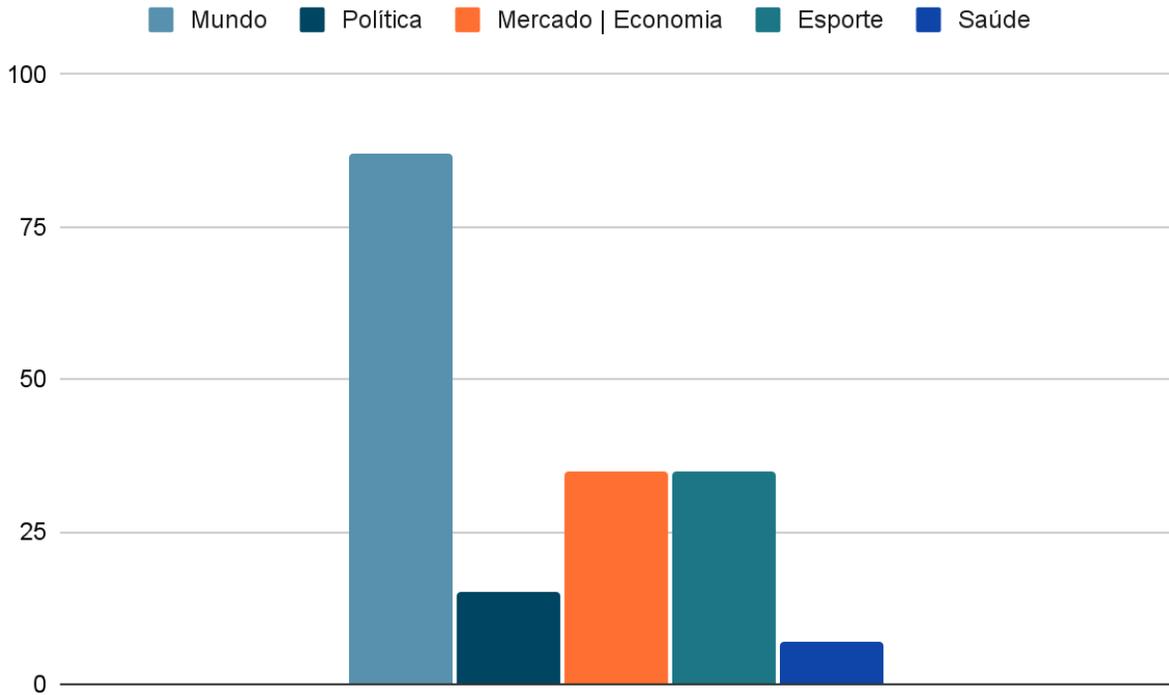
A cobertura econômica dos três países, Argentina, Venezuela e Paraguai, nas editorias de Mercado (Folha) e Economia (O Globo), também é mais proeminente. Entre os três, a Argentina é o país que recebe maior atenção, com 22<sup>24</sup> menções, seguida pela Venezuela com 7 e pelo Paraguai com 6. O período analisado coincide com o estopim da crise econômica no país, agravada em 2022. Seja pela dimensão do acontecimento econômico ou pela proximidade geográfica com Buenos Aires, os jornais reconhecem e destacam o que acontece na área econômica como noticiável para os brasileiros, o que também pode ser considerado reflexo da integração política e econômica dos dois países.

Compondo a tríade das editorias que mais cobrem e citam os três países nos dois jornais, o noticiário esportivo enfatiza Argentina (21), em seguida Paraguai (10) e com poucas inserções a Venezuela (5) recebe menos menções. Com destaque, no período analisado, aos campeonatos de Libertadores, Copa América e Copa do Mundo. Quando aparecem juntos, os países são considerados parte da América do Sul. Não houve qualquer referência à AL ou à algum senso de “latinidade”, nem mesmo em matérias sobre o Copa América, torneio que, embora tenha se iniciado enquanto uma disputa entre países do sul, atualmente, reúne times de todo o continente americano.

Gráfico 1 - DISPOSIÇÃO DE MATÉRIAS QUE CITAM A AMÉRICA LATINA POR PRINCIPAIS EDITORIAS

---

<sup>24</sup> Os números de matérias com menções aos países por editorias correspondem a soma da quantidade de reportagens nos dois jornais conforme editorias equivalentes.



FONTE: Elaboração nossa

Desta breve análise, é possível perceber que a grande imprensa nacional não está interessada na construção de uma identidade comum e, mesmo num contexto de globalização, - em que, em tese, seria ideal o favorecimento de uma integração econômica, política, cultural e social, principalmente, com países da mesma região - não há um incentivo a um movimento de unidade (BARBOSA 2007; SANT'ANNA,2000).

Fora da cobertura internacional, econômica e esportiva, os países aparecem de forma mínima, até mesmo no noticiário político, o que indica que não apenas a ideia de América Latina, mas também os países que compõem o território não fazem parte do que é pautado pela imprensa. Para além desse aspecto, é possível inferir ainda que as próprias questões referentes aos países latino-americanos não fazem parte do dia a dia dos principais nomes do governo. É apenas nas editorias de Mundo em que há uma categorização mais direta dos países enquanto latino-americanos. Nas outras editorias, a referência não ocorre.

Analisando sob a ótica do contrato de leitura, depreende-se que os jornais da grande imprensa brasileira entendem que os seus compradores e assinantes não têm grande interesse pela América Latina. Aqui, também entra a noção ideológica presente nas gramáticas de produção e a perspectiva de que o discurso, ou sua ausência, reflete aspectos da sociedade, pois se os países não estão suficientemente presentes nas declarações dos representantes do povo e tomadores de decisão por ele, por que o restante da população deveria se interessar?

#### 4.4. O discurso bolsonarista sobre a América Latina

Na mesma toada da cobertura geral analisada, a América Latina pouco se faz presente nos discursos à imprensa dos agentes do bolsonarismo. Dentre todo o material analisado em que Argentina, Paraguai e Venezuela figuravam nos tornais, 208 matérias, apenas 33 incluíam declarações de Jair Bolsonaro, Hamilton Mourão, Paulo Guedes, Ernesto Araújo, Carlos França e Carlos Bolsonaro. São menores ainda as referências diretas à América Latina. O termo só é utilizado de forma direta uma única vez, em uma declaração do chanceler Ernesto Araújo.

Apesar do pouco interesse ativo do bolsonarismo pela AL, isso não resulta em um esforço de exclusão do Brasil dos processos econômicos e políticos da região. Embora o bolsonarismo tenha uma perspectiva antiglobalista, as relações de integração regional e as cooperações bilaterais, com grande ênfase econômica, ainda desempenham um papel significativo nos diálogos bolsonaristas.

Logo no início de seu mandato, em janeiro de 2019, Jair Bolsonaro deixou claro à imprensa os objetivos do seu governo em relação a uma das principais organizações intergovernamentais da região latino-americana, o Mercosul: diminuir seu papel político. As matérias “Bolsonaro quer menor papel político para Mercosul e reduzir tarifas de importação no bloco” (LANDIM, 2019) e “O que pode mudar no Mercosul no governo Bolsonaro?” (LANDIM, 2019), publicadas pela Folha de S. Paulo, indicam o que seria a tônica do bolsonarismo no que diz respeito à integração com os vizinhos. As declarações foram dadas após encontro do presidente com Mauricio Macri, presidente da Argentina até 2019.

Figura 11 - TRECHO DA MATÉRIA "BOLSONARO QUER MENOR PAPEL POLÍTICO PARA MERCOSUL E REDUZIR TARIFAS DE IMPORTAÇÃO NO BLOCO" DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

**SÃO PAULO** Com o apoio de Argentina, Uruguai e Paraguai, o governo Jair Bolsonaro pretende despolitizar o Mercosul e promover ampla redução das tarifas de importação do bloco.

FONTE: Captura de tela do site da Folha

Figura 12- TRECHO DA MATÉRIA "O QUE PODE MUDAR NO MERCOSUL NO GOVERNO BOLSONARO?" DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

### **O que significa um Mercosul mais “enxuto”?**

Segundo membros da equipe econômica, é um bloco mais focado nos aspectos comerciais e mais despolitizado. A ideia é que o Mercosul desista de se tornar uma mini União Europeia, com, por exemplo, uma moeda única, e foque apenas em desburocratizar e aprofundar o comércio.

FONTE: Captura de tela do site da Folha

O posicionamento mostra um desejo pelo foco no aspecto econômico em detrimento ao político, numa espécie de desvinculação entre ambos. Considerando a dimensão política de toda enunciação, parte importante da análise do discurso, em especial a crítica, é necessário buscar compreender os sentidos da “despolitização” proposta por Bolsonaro.

A própria ideia de despolitizar o Mercosul parte de um alinhamento político do governo, já que, para a análise crítica do discurso, as práticas discursivas não estão imunes ao contexto social e às ideologias subjacentes e estão envolvidas na construção e na manutenção de estruturas políticas.

Pode-se, portanto, depreender que esta escolha traz um afastamento deliberado da utilização do termo América Latina e de questões relativas à(s) latinidade(s). Sendo uma construção social e

histórica, as ideias referentes à AL, tanto a inserção a ela quanto a sua negação, costumam ser acompanhadas de forte apelo político. Como abordado no primeiro capítulo, em períodos anteriores ao recorte desta análise, referências à América Latina, e ao próprio Mercosul, foram feitas por agentes do governo Bolsonaro, a exemplo de Paulo Guedes, através de um discurso pautado pela uniformização das experiências políticas e um fracasso das esquerdas. Retomando Chaloub (2020), para o espectro da direita brasileira da qual o bolsonarismo faz parte, uma “latino-americanização do Brasil” indica desordem, anarquia e crise”.

Mas este entendimento sozinho não traz a complexidade devida para a análise do fenômeno. Em abril de 2019, o então chanceler Ernesto Araújo deu uma declaração que é considerada por esta pesquisa como grande definidora da perspectiva do governo bolsonarista sobre a América Latina e o espaço que ela ocupa na política nacional. Em “Para Ernesto Araújo, Brasil e Argentina devem deixar para trás 'passado suicida” (COLOMBO, 2019) publicada pela Folha, o ministro das Relações Exteriores discorreu sobre a integração do país com a Argentina, à época governada por Macri, alegando que a relação entre os vizinhos, no passado, havia sido como “um pacto de casais que querem se suicidar juntos”. Ao longo do texto, a reportagem ainda destaca falas em que Araújo diz que "se concebeu a parceria de Brasil e Argentina como algo que nos deveria isolar do resto do mundo, sobretudo de países democráticos.”

A perspectiva do chanceler é melhor elaborada no trecho seguinte, trazido da matéria, na íntegra.

Figura 13 - TRECHO DA MATÉRIA "PARA ERNESTO ARAÚJO, BRASIL E ARGENTINA DEVEM DEIXAR PARA TRÁS 'PASSADO SUICIDA” DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

Na palestra, o chanceler disse ainda que a ideia de se conceber latino-americano, para ele, nos dias de hoje, dá a mensagem de que “um país não pode ter uma identidade, que um país tem de ser um país genérico dentro de um certo estereótipo. Isso é bom para os que querem que as nações desapareçam.”

Araújo lembrou suas primeiras visitas a Buenos Aires, com os pais, e de se maravilhar “com a diferença entre os dois países, com o fato de que aqui havia cafés e falava-se uma língua diferente”.

E acrescentou: “A Argentina parecia uma realidade paralela, como creio que cada país é uma realidade paralela, os bairros de Buenos Aires são distintos dos de Brasília e dos de Jerusalém. Esse tipo de diferenças é algo que o globalismo atual tenta apagar”.

Acrescentou que é preciso “recuperar o tempo perdido”. “Precisamos de um novo pacto, com nossos valores. Uma das tarefas é repensar nossa latino-americanidade, na qual Brasil e Argentina têm um papel central. Mas com uma Argentina autêntica ao lado de um Brasil autêntico.”

FONTE: Captura de tela do site da Folha

Para Araújo, a busca por uma unidade latino-americana seria uma forma de aderir a uma perspectiva globalista que apaga a individualidade dos países. O antiglobalismo junto ao nacionalismo conservador e extremado são considerados aspectos centrais do bolsonarismo. O antiglobalismo, em especial, tem forte presença no ideário da política externa do governo Bolsonaro a partir da gestão de Araújo da pasta das Relações Exteriores. Esta perspectiva, no entanto, não indica que o discurso bolsonarista prevê um isolamento absoluto em relação à América Latina, deixando de lado qualquer tipo de integração. Trata-se menos de uma exclusão e mais da busca por uma outra configuração de ideal latino-americano. A fala do chanceler indica um aceno do Brasil para a América Latina, porém, como expõe Araújo, ele é feito por meio de um novo pacto com os valores alinhados ao bolsonarismo.

Retomando os processos de integração do Brasil com países da região, desenvolvidos no primeiro capítulo, o país teve papel importante para o fortalecimento da integração dos países latino em meados do século XX (JAGUARIBE, 2001 apud ROSSATO, 2004). O fomento de organizações internacionais e blocos econômicos foi parte importante desse processo. Nesse sentido, o Brasil contou com países-chaves, como a Argentina, que seja no Mercosul, na Associação Latino-Americana de Integração (Aladi) ou na União de Nações Sul-Americanas (Unasul), esteve, em parte significativa das vezes, alinhada à Brasília.

Ernesto Araújo parece ter entendimento deste processo e, por isso, indica que a Argentina tem um papel central junto ao Brasil na reconfiguração da “latino-americanidade” e na integração da região.

Por outro lado, outras declarações indicam que repensar a região junto a Argentina não é um dos objetivos mais caros ao governo, sendo esta uma integração frágil, marcada por idas e vindas. Apenas sete meses após a fala de Ernesto Araújo, Jair Bolsonaro resolve romper uma tradição de cerca de duas décadas entre os países e não viaja a Buenos Aires para a posse do sucessor de Macri, o peronista Alberto Fernandez. O presidente nem mesmo cumprimentou o argentino após sua vitória. Em “Bolsonaro envia ministro à posse na Argentina”, de novembro de 2019, o jornal O Globo classifica a decisão do mandatário brasileiro como uma “irritação com o resultado das urnas”. A reportagem reconhece os reflexos das diferenças ideológicas entre o brasileiro e seu equivalente argentino e indica que “a vitória da chapa kirchnerista colocou em xeque a relação Brasil e Argentina, em especial envolvendo o Mercosul”. Apesar da possibilidade da integração entre Brasília e Buenos Aires ser também elaborada na matéria, sendo possível a retomada do que foi declarado por Ernesto Araújo alguns meses antes, nenhuma referência à América Latina ou qualquer aspecto de latino-americanidade é feito no texto.

A inconstante relação entre os países segue sendo documentada pela imprensa ao longo do período analisado. No entanto, a América Latina não é mais mencionada pelos agentes bolsonaristas.

Mesmo assim, o governo brasileiro demonstra reconhecer a importância da integração dos países e o reflexo disso para a própria integração da região. As matérias “Chanceler argentino: 'Pedimos a nossos irmãos brasileiros que nos apoiem no FMI” (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2020) e “Chanceler argentino diz que 'mudou tudo' na relação com o Brasil” (FIGUEIREDO; OLIVEIRA, 2020), publicadas pelo O Globo, mostram que o estranhamento inicial de Bolsonaro foi seguido por uma abertura do brasileiro, mesmo que tímida, à gestão de Fernández, como mostra o parágrafo seguinte e a resposta a uma das perguntas feitas a Felipe Sola, chanceler argentino ao jornal.

Figura 14 - TRECHO DA MATÉRIA "CHANCELER ARGENTINO DIZ QUE 'MUDOU TUDO' NA RELAÇÃO COM O BRASIL" DO JORNAL O GLOBO

**O senhor obteve em Brasília a compreensão e apoio que esperava?**

**Totalmente.**

FONTE: Captura de tela do site de O Globo

Figuras 15 e 16 - TRECHO DA MATÉRIA "CHANCELER ARGENTINO: 'PEDIMOS A NOSSOS IRMÃOS BRASILEIROS QUE NOS APOIEM NO FMI'" DO JORNAL O GLOBO

— Não pedi uma resposta imediata... ele (Bolsonaro) entendeu bem (a situação argentina) e suponho que conversará com sua equipe — declarou o ministro, satisfeito com o resultado da viagem.

— Tratamos (com Araújo) mais de 40 pontos e estamos de acordo em quase todos. Com Bolsonaro conversamos sobre a possibilidade de um encontro entre os presidentes no Uruguai... foi uma proposta do presidente brasileiro — comentou.

FONTE: Captura de tela do site de O Globo

Análise da amostra possibilita apontar também que o bolsonarismo se beneficia de uma perspectiva externa que enquadra o Brasil como um “líder latino-americano”. Mesmo o próprio presidente não reivindicar a identidade, conflitos internos entre o próprio núcleo bolsonarista por essa designação marcaram momentos da sua relação com o vice-presidente Hamilton Mourão. A reportagem “Disputa de filhos com Mourão é também por influência nos EUA” (SÁ, 2019), publicada na Folha, noticiou o ataque do vereador Carlos Bolsonaro a Mourão após o vice ser considerado “uma voz de razão e moderação” pelo Brazil Institute, centro influência sobre política externa dos EUA para a América Latina. Segundo o jornal, o trecho do texto que indica que Mourão “assumiu a gestão da crise da Venezuela e é cada vez mais procurado por autoridades de China, Europa e Oriente Médio” causou maior incômodo, principalmente pela perspectiva trazida sobre o país de Maduro. O vice defende que a questão seja resolvida internamente.

Para marcar seu espaço, Bolsonaro procurou um outro centro americano para AL, o Americas Society/Council of the Americas. A Americas Quarterly, publicação do centro voltada a política,

negócios e cultura nas Américas, deu ao presidente uma capa, divulgada na matéria da Folha, em que o considera a principal resistência latino-americana aos interesses da China na região. Aqui, a identidade latina não incomoda e pode, até mesmo, ser interpretada como uma reivindicação do ex-mandatário, que busca pela validação de centro americano, como mostra a matéria.

Figura 17 - CAPA DA REVISTA AMERICAS QUARTERLY



Fonte: Captura de tela do site da Folha

A palavra final enquanto líder latino-americano também foi discutida internamente, em exemplos mais sutis, em torno da questão da Venezuela em outras matérias da Folha e do Globo, do mesmo mês e ano. É oportuno notar que mesmo não sendo reivindicada qualquer questão enquanto latino-americana por Jair Bolsonaro e seu filho Zero Dois, a leitura dos americanos sobre Mourão causou incômodo do vereador, que não contestou o uso do conceito para caracterizar o pai.

A perspectiva de integração regional e o papel de liderança brasileira neste processo recebe destaque também na questão venezuelana no apoio de Jair Bolsonaro a Juan Guaidó, principal opositor de Nicolás Maduro. Na matéria explicativa “Confuso sobre a crise na Venezuela? Entenda o que aconteceu nesta semana” (AVELAR, 2019), da Folha, é denotado o destaque política e diplomático do Brasil no assunto, haja vista o título do terceiro tópico do texto, abaixo:

Figura 18 - TRECHO DA MATÉRIA “CONFUSO SOBRE A CRISE NA VENEZUELA? ENTENDA O QUE ACONTECEU NESTA SEMANA” DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

### **3. O Brasil exerce um papel importante na crise**

O governo de Jair Bolsonaro é um dos principais aliados internacionais de Guaidó, ao lado da Colômbia e dos Estados Unidos. O líder opositor venezuelano também conta com o respaldo de dezenas de países da América Latina e da Europa.

Na terça, Bolsonaro **concedeu asilo na embaixada brasileira** em Caracas a 25 soldados venezuelanos de baixa patente. Os militares dissidentes ainda não se abrigaram em prédios do governo brasileiro, pois o processo depende de uma série de procedimentos.

FONTE: Captura de tela do site da Folha

A presença internacional pode fazer parecer dúbia o antiglobalismo característico do bolsonarismo. O isolamento, porém, fez parte de diversos momentos da diplomacia, inclusive com relação à questão venezuelana, também acompanhada por certa hostilidade.

Figura 19 - TRECHO DA MATÉRIA “CONFUSO SOBRE A CRISE NA VENEZUELA? ENTENDA O QUE ACONTECEU NESTA SEMANA” DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

**Ambas decisões representam uma radical mudança de posição do Grupo de Lima em relação aos mecanismos de resolução da crise na Venezuela, justamente em reunião da qual o [Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Ernesto Araújo](#), não participou, tendo enviado um representante. Para além da hostilidade do governo do presidente Jair Bolsonaro em relação a Cuba, Araújo se mostrou crítico do papel do Grupo de Contato, sobre o qual disse anteriormente que “não é uma iniciativa útil”.**

FONTE: Captura de tela do site da Folha

A partir disso, é preciso destacar que durante o discurso do bolsonarismo em termos de política externa à imprensa não era binário. Durante o governo, coexistiram aspectos distintos, com perspectivas complexas, como a reivindicação da latinidade. Simplificar a gestão seria um erro e empobreceria a pesquisa.

Ademais, enquanto na cobertura sobre a Argentina, o Mercosul e a crise econômica favoreceram o debate sobre o processo integratório entre o Buenos Aires e Brasília; na Venezuela, a crise política, ressaltou tanto a liderança brasileira na região quanto o isolacionismo do país; com o Paraguai as declarações e fatos tomam contornos mais sóbrios, marcados, de maneira expressiva, pelas trocas comerciais. As reportagens “Em encontro bilateral, Bolsonaro e Abdo defendem alianças comerciais e criticam Maduro” (COLETTA; FERNANDES; URIBE, 2019) e “Brasil e

Paraguai assinam acordo automotivo” (COLETTA, 2020), ambas publicadas pela Folha de S. Paulo, exemplificam a busca pela integração, centrando-se no aspecto econômico.

O tipo de relação expressa no matéria, simples e direto, sem grandes embates políticas, é considerado reflexo do alinhamento ideológico entre Bolsonaro e Mario Abdo Benítez, um político de direita como seu equivalente brasileiro. Ela expressa um forte vínculo entre os países, que declaram o interesse no fortalecimento da integração. Retomando a declaração de Bolsonaro sobre o desejo de que o Mercosul se tornasse mais econômico e menos político, é possível compreender a relação Brasil-Paraguai como o modelo bolsonarista de integração regional. Com trocas quase estritamente comerciais e afagos pautados por valores em comum, o relacionamento entre os dois países pode ser considerado um horizonte ideal de contato latino-americano para o bolsonarismo.

Figura 20 - TRECHO DA MATÉRIA “EM ENCONTRO BILATERAL, BOLSONARO E ABDO DEFENDEM ALIANÇAS COMERCIAIS E CRITICAM MADURO” DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

Bolsonaro chamou o presidente paraguaio de "meu irmão Marito" e disse que eles têm muitas coisas em comum.

Além de comandarem governos de direita e pautas conservadoras, os dois compartilham de formação militar. Ambos são paraquedistas e egressos das Forças Armadas.

"Meu irmão Marito, temos muita coisa em comum: a política e também no tocante a costumes, valores familiares, a queremos o Brasil e o Paraguai fortes e pujantes e estamos tratando de questões de interesses dos nossos países para que juntos possamos sim progredir e trazer felicidade para nossos povos."

Lima e Albuquerque (2019), consideram que a diplomacia brasileira foi utilizada pelo governo Bolsonaro como um espaço de fidelização do eleitorado através de políticas declaratórias. A fala do presidente sobre Mario Abdo, com destaque para a valorização dos costumes e da família, reflete esta perspectiva. No caso da análise dos países latino-americanos em questão, ela também se fez presente nas declarações de Ernesto Araújo quando ele reitera a Macri, então presidente da Argentina, a importância do alinhamento dos países através desses valores compartilhados. É oportuno notar que os tais “valores” não são destrinchados durante as declarações, mas é possível subentender que seu interlocutor e seus apoiadores o saibam.

Em relação à Venezuela, esse tipo de discurso possui a especificidade de ser acompanhado por críticas intensas e uma depreciação ao país de forma irônica. A matéria “Bolsonaro se irrita com homem que pediu para baixar preço do arroz; veja vídeo”, de outubro de 2020, publicada pela Folha, exemplifica:

Figura 21 - TRECHO DA MATÉRIA “EM ENCONTRO BILATERAL, BOLSONARO E ABDO DEFENDEM ALIANÇAS COMERCIAIS E CRITICAM MADURO” DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

---

**BRASÍLIA** O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) irritou-se com um homem que o abordou neste domingo (25) na saída da feira permanente do Cruzeiro, no Distrito Federal, para reclamar do preço do arroz.

"Bolsonaro, baixa o preço do arroz, por favor. Não aguento mais", disse um homem que abordou o presidente enquanto ele se preparava para subir em sua moto.

"Tu quer que eu baixe na canetada? Você quer que eu table? Se você quer que eu table, eu tabelo. Mas você vai comprar lá na Venezuela", reagiu o presidente.

Ainda que a busca pela fidelização do eleitor aconteça de forma recorrente, não foi encontrado no período de análise um tom exacerbadamente agressivo dos agentes do bolsonarismo, contrariando a aposta de que se repetiriam, com constância.

Além disso, algumas outras hipóteses traçadas não foram encontradas nas análises. O mau uso de conceitos como “ideologia”, “ideologizador”, “bolivarianismo” não foi encontrado neste recorte. Esperava-se que o presidente Bolsonaro adotasse uma postura mais dura em relação a seus opositores políticos internacionais. No entanto, embora o ex-presidente tenha mantido um estilo combativo ou até uma postura de isolamento, também houve ocasiões em que ele adotou um tom mais moderado e conciliador.

É certo que houve uma moderação do discurso bolsonarista a respeito de alguns temas ao longo dos quatro anos de mandato de Jair Bolsonaro, no entanto, esse descumprimento de expectativa se relaciona não só a esse aspecto, mas, a alguns outros pontos como principalmente, à baixa quantidade de menções aos três países da América Latina no recorte de período analisado.

Em suma, analisar o bolsonarismo é deixar de lado os senso-comuns. Além de não se tratar de um fenômeno político novo que se finda com a derrota de seu “líder” nas urnas, ele também assume distintos graus de complexidade em diferentes temas, como a política externa. Conclui-se que a América Latina não é uma prioridade para o projeto bolsonarista. O desinteresse, porém, não pode ser confundido como uma negativa total a uma integração. Houve esforços nesse sentido em contextos diferentes, tanto em para com países de maior alinhamento social e econômico, como o Paraguai, como no caso a Argentina, marcado por altos e baixos. Ao contrário do esperado, com a Venezuela, o afastamento foi marcado, sobretudo, pela ausência do país com certa frequência no discurso bolsonarista. Nas poucas vezes em que era citada, Caracas apenas servia como alvo de críticas.

Por fim, é possível compreender que as diferentes relações com os três países podem ser estendidas para a forma como o bolsonarismo interage com a América Latina, de modo complexo e diverso.

## 5. Considerações finais

Para entender melhor como o discurso do governo Bolsonaro insere o Brasil na América Latina através da mídia tradicional, a monografia se debruçou sobre as reportagens publicadas pelos jornais O Globo e Folha de S. Paulo entre janeiro de 2019 e junho de 2022, através do método da semana construída, partindo da Análise do Discurso e a Análise Crítica do Discurso (ACD).

Em primeiro lugar, escolheu-se introduzir uma definição de América Latina e das disputas que envolvem a região e seus processos integrativos. Neste momento também, foi feita uma trajetória do bolsonarismo enquanto fenômeno político a partir das três temporalidades propostas por Daniel Aarão Reis (2021), para, em seguida, discutir a política externa brasileira sob o governo de Jair Bolsonaro. Logo após, discutiu-se a Análise do Discurso (AD) e a Análise Crítica do Discurso (ACD), através de Maingueneau, Verón e Fairclough e a interação do discurso com ideologia e poder. Também foram traçadas as bases para discussões sobre o jornalismo declaratório, aspecto que não teve grande presença no material coletado.

Ao longo da pesquisa, explicita-se a relevância da associação da prática social à prática jornalística e o reconhecimento dos estudos sobre produção jornalística como espaço de valor para a análise de questões sociais e políticas. A AD e ACD mostram-se bases essenciais para que esse tipo de exame seja feito.

Considerados esses aspectos, a monografia buscou fazer uma análise dupla. Além de olhar para as questões trazidas pelo discurso bolsonarista, optou-se por também, de forma complementar, compreender qual o espaço da América Latina no noticiário da grande imprensa brasileira. Entende-se esse como um movimento que se retroalimenta. De forma geral, como supracitado, a América Latina não aparece com tanta constância nas páginas e sites dos jornais. A pesquisa mostra que o termo América Latina aparece apenas em 10 das 208 matérias coletadas. O histórico do uso do conceito e do reconhecimento da identidade, bem como da política externa brasileira, feito no segundo capítulo desta monografia, auxiliam na compreensão do resultado da análise. O

Brasil, que voltou seu olhar de forma mais atenta a uma integração à AL apenas em meados do século XX, segue sem grande interesse em se apropriar de uma “latinidade”. A perspectiva é compartilhada tanto pelos políticos, representados pelo governo Bolsonaro, como pela grande imprensa.

O desinteresse, no entanto, não pode ser confundido como uma negativa total a uma integração. Os agentes do bolsonarismo demonstraram interesse em assumir um papel de referência na região, seja através de uma integração em “outros valores” (Figura 13) ou na disputa pessoal pelo posto de líder latino-americano (Figura 17). Isso, porém, não é algo que pauta ou move a política externa bolsonarista. Sempre à sombra do antiglobalismo e do nacionalismo isolacionista, as perspectivas de integração passaram por altos e baixos a depender da relação do presidente com o seu correspondente no outro país.

De forma geral, e que pode ser estendida para a maneira com o bolsonarismo interage com a América Latina de maneira mais ampla, a relação do governo com a região foi complexa e diversa. A Venezuela, citada apenas como alvo de críticas e ojeriza, está situada em um oposito negativo, de interesse e negação. A Argentina e o bolsonarismo passaram por altos, durante o governo de Mauricio Macri, baixos, quando Alberto Fernandez foi eleito, e médios, numa posterior estabilização do diálogo entre Bolsonaro e seus ministros com os representantes do político progressista. No outro oposito, está situado o Paraguai. O país foi o que mais figurou nas editorias de Mercado e Economia de Folha e Globo, respectivamente, por conta da natureza de sua integração com o Brasil, principalmente comercial. Tendo isso em vista, é possível entender a relação Brasil-Paraguai como o modelo bolsonarista de integração regional. Com trocas quase estritamente comerciais e afagos pautados por valores em comum, o relacionamento entre os dois países pode ser considerado um horizonte para onde o ex-presidente mirava quando declarou desejar um Mercosul “despolitizado” e mais econômico.

De modo geral, a partir dessas observações, pode-se afirmar que a análise realizada por esta monografia se mostrou importante desvelar um pouco mais sobre como o governo Bolsonaro compreende o Brasil na América Latina, as complexidades do bolsonarismo em relação à sua

política externa, bem como os aspectos que compõem a forma do governo elaborar sua relação com a AL.

Como uma das hipóteses desta pesquisa, considerava-se uma maior presença da Venezuela nas declarações dos agentes do bolsonarismo, realizadas, principalmente, por um discurso agressivo. Porém, não foram encontradas tantas referências à questão venezuela. Apesar das menções críticas e irônicas, não houve grandes ofensas ao país, sendo o único destaque o caso do preço do arroz, expresso na figura 21.

É certo que houve uma moderação do discurso bolsonarista a respeito de alguns temas ao longo dos quatro anos de mandato de Jair Bolsonaro, no entanto, esse descumprimento de expectativa não se relaciona apenas a esse aspecto, mas, também à baixa quantidade de menções aos três países da América Latina no recorte de período analisado. É possível que, para chegar a resultados que incluíssem esses episódios, fosse necessária a colheita de mais material, já que, por conta da pouca presença da AL no noticiário, o método de semana construído não foi o suficiente para proporcionar uma análise mais ampla nesse sentido.

A carência de exemplos também dificultou a análise a partir de uma perspectiva crítica ao jornalismo declaratório. Observou-se que, no caso dos dois jornais, a prática não foi tão expressiva e caracterizadora da forma como a cobertura se dava. A inclusão de outros agentes do Bolsonarismo, como a ex-ministra Damares Alves, à frente do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, poderiam acrescentar novos recortes e enriquecer outras perspectivas sobre a relação entre o Brasil e a América Latina, pautadas, especialmente, nos Direitos Humanos. Considerando essas limitações, procura-se aprimorar este trabalho em uma futura oportunidade em artigo, dissertação de mestrado ou tese de doutorado, buscando aprofundar e ampliar as perspectivas aqui expostas.

## REFERÊNCIAS

AARÃO REIS, D. **Notas para a compreensão do bolsonarismo.** Estudos Ibero-Americanos, v 46, 2020.

AARÃO REIS, D. **O bolsonarismo: uma concepção autoritária em formação.** Instituto Humanitas Unisinos, 2021. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/607369-o-bolsonarismo-uma-concepcao-autoritaria-em-formacao-artigo-de-daniel-aarao-reis>>. Acesso em 30 mai. 2023.

ALBUQUERQUE, M; LIMA, M. R. S. de. **O estilo Bolsonaro de governar e a política externa.** Boletim OPSA, N. 1, Jan./Mar., 2019

ALMEIDA, M. H. T; CARNEIRO, L. P; FERNANDES, I. F; GUIMARÃES, F. S; ONUKI, J; PINHEIRO, F. L. **The Americas and the World: Public Opinion and Foreign Policy.** CIDE - Centro de Investigação e Docência em Economia, 2014/2015. Disponível em <<https://www.wilsoncenter.org/event/the-americas-and-the-world-public-opinion-and-foreign-policy-brazil-colombia-ecuador-mexico>>. Acesso em 05 jan. 2023.

ALMEIDA, P. R. **A diplomacia do liberalismo econômico.** In: ALBUQUERQUE, J. A. G; SEITENFUS, R; CASTRO de, S. H. N. **Sessenta Anos de Política Externa Brasileira (1930-1990).** São Paulo, SP. Lumen Juris Editora, 2006.

BETHELL, L. **O Brasil e a ideia de “América Latina” em perspectiva histórica.** Estud. hist. (Rio J.). Rio de Janeiro, RJ, v. 22, n. 44, p. 289-321, agosto, 2009.

**“Bolsonaro deu sequência ao que fazíamos”, diz Temer.** Poder 360, jan. 2022. Disponível em <<https://www.poder360.com.br/brasil/bolsonaro-deu-sequencia-ao-que-faziamos-diz-temer/>>. Acesso em 10. mar. 2023

BRASIL, J. A.; CABECINHAS, R.. Processos Identitários, Representações Sociais e Migrações: Reflexões sobre a Identidade Latino-Americana. **CECS-Publicações/eBooks**, p. 123- 138.

BEZUNARTEA, O. **Uso y abuso de ‘declaraciones’**: el vicio de la prensa. ZER: Revista de Estudios de Comunicación, 1998, p. 225 – 245.

BOLZANI, I. **Sugerido por Guedes, Cachoeiro de Itapemirim tem casa de Roberto Carlos e pedras gigantes**. Folha de S. Paulo, 12 fev. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/02/sugerido-por-guedes-cachoeiro-de-itapemirim-tem-casa-de-roberto-carlos-e-pedras-gigantes.shtml> >. Acesso em 29 abr. 2023.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. São Paulo, SP. Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

CARVALHO, D. **Bolsonaro se irrita com homem que pediu para baixar preço do arroz**. Folha de S. Paulo, 25 out . 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/10/bolsonaro-se-irrita-com-homem-que-pediu-para-baixar-preco-do-arroz-veja-video.shtml> >. Acesso em 29 abr. 2023.

CHALOUB, J. . A América Latina como outro: um discurso da direita brasileira. **Agenda Política**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2022. DOI: 10.31990/agenda.2020.1.6.

COLLETA, R. D. **Portugal quer até julho negociação ambiental para acordo entre UE e Mercosul**. Folha de S. Paulo, 26 maio. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/05/portugal-quer-ate-julho-negociacao-ambiental-para-acordo-entre-ue-e-mercosul.shtml> >. Acesso em 29 abr. 2023.

Convenção Interamericana sobre a concessão dos direitos políticos à mulher. **Núcleo de Estudos de Políticas em Direitos Humanos ligado ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Disponível em: <

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ICqfuzvG3qUJ:www.nepp-dh.ufrj.br/ou5-10.html&cd=11&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> . Acesso em 14, jan. 2023.

COSTA, W.M. **O Brasil e a América do Sul: cenários geopolíticos e os desafios da integração**. Confins,n.7, p. 1-27, 2009.

COSTA, W. M da; THÉRY, H. **Oitenta anos de geopolítica no Brasil: da geografia militar a um pensamento estratégico nacional**. Revista Tamoios,v. 12, n.2,p. 4-21, 2016.

CRUZ, M. C. **Características do jornalismo declaratório em cuiabá durante o período eleitoral: uma análise do site Midianews**. UFMT, Cuiabá, 2022. Dissertação.

**Declarações de Paulo Guedes sobre Mercosul surpreendem membros do bloco**. G1, out 2018. Disponível em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/10/30/declaracoes-de-paulo-guedes-sobre-mercosu-l-surpreendem-membros-do-bloco.ghtml> Acesso em 05 jan. 2023.

EM PAUTA. Globo News. Programa de televisão exibido no dia 20 set. 2011.

Entenda como os minions viraram apelido para os apoiadores de Bolsonaro. **Folha de S. Paulo**, jul. 2022. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/07/entenda-como-os-minions-viraram-apelido-para-os-apoiadores-de-bolsonaro.shtml#:~:text=Concebido%20como%20uma%20esp%C3%A9cie%20de,hoje%20a%20esquerda%20busca%20recuperar> Acesso em 05 jan. 2023.

FAIRCLOUGH, N. **Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language**. [S. l.]: Routledge, 1985

FAIRCLOUGH, N. **Análise textual: a construção da realidade social. Discurso e mudança social**. Brasília, DF. Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. A prática da Análise do Discurso. In: **Discurso e mudança social**. Brasília, DF. Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. Teoria social do discurso. In: **Discurso e mudança social**. Brasília, DF. Editora Universidade de Brasília, 2001.

FARRET, R. L.; PINTO, S. R. América Latina: da construção do nome à consolidação da ideia. **Topoi**, v. 12, n. 23, jul-dez. 2011, p. 30-42

FIGUEIREDO, J. **Saiba quais são as principais divergências entre Brasil e Argentina**. O Globo, 11 fev. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/saiba-quais-sao-as-principais-divergencias-entre-brasil-argentina-24242814> >. Acesso em 29 abr. 2023.

FIGUEIREDO, J; OLIVEIRA, E. **Chanceler argentino diz que 'mudou tudo' na relação com o Brasil**. O Globo, 12 fev. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/chanceler-argentino-diz-que-mudou-tudo-na-relacao-com-brasil-24245286> >. Acesso em 29 abr. 2023.

FIGUEIREDO, J. **Brasil e Argentina celebram reaproximação, mas proximidade entre Fernández e Lula ainda pode atrapalhar**. O Globo, 02 dez. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/brasil-argentina-celebram-reaproximacao-mas-proximidade-entre-fernandez-lula-ainda-pode-atrapalhar-25302368> >. Acesso em 29 abr. 2023.

FILHO, A. G. **O segredo da pirâmide: para uma Teoria Marxista do Jornalismo**. 1987. Dissertação (mestrado) (Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas., [S. l.], 1987.

Folha. **Similar** Web. Disponível em <https://www.similarweb.com/website/folha.uol.com.br/#overview> >. Acesso em 04 abr. 2023.

FRANCO, B. M. **Uma babá para Carluxo**. O Globo, 24. abr. 2019. Disponível em <<https://blogs.oglobo.globo.com/bernardo-mello-franco/post/uma-baba-para-carluxo.html>> Acesso em 29 abr. 2023.

FREIXO, A; PINHEIRO-MACHADO R. **Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização**. Oficina Raquel, 2019.

GALINARI, T. N. A **“Guinada à direita” e a nova política externa brasileira**. Caderno de Geografia, v.29, Número Especial 2, 2019.

GEE, J. P. **An introduction to Discourse Analysis: theory and method**. London/New York: Routledge, 2005.

O Globo. **Similar Web**. Disponível em <<https://www.similarweb.com/website/oglobo.globo.com/#demographics>> . Acesso em 04 abr. 2023.

GOMES, W. O bolsonarismo borbulhante. **Revista CULT**, jan. 2019. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/o-bolsonarismo-borbulhante/>> . Acesso em 05 jan. 2023.

GULLINO, D. **Bolsonaro confirma que autorizou Copa América no Brasil**. O Globo , 01 jun. 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/bolsonaro-confirma-que-autorizou-copa-america-no-brasil-1-25042905>> . Acesso em 29 abr. 2023.

KAYSER, Jacques. Une semaine dans Le Monde: étude comparé de 17 grands quotidiens pendant 7 jours. Paris: Unesco, 1953.

LANDIM, R. **O que pode mudar no Mercosul no governo Bolsonaro?**. Folha de S. Paulo, 20 jan. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/01/o-que-pode-mudar-no-mercosul-no-governo-bolsonaro.shtml>>. Acesso em 29 abr. 2023.

LANDIM, R. **Bolsonaro quer menor papel político para Mercosul e reduzir tarifas de importação no bloco**. Folha de S. Paulo, 20 jan. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/01/bolsonaro-quer-menor-papel-politico-para-mercosul-e-reduzir-tarifas-de-importacao-no-bloco.shtml>>. Acesso em 29 abr. 2023.

LEITE, S. M. **Chega de mimimi e as armadilhas do jornalismo declaratório**. Observatório da Imprensa, 21 mar. 2021. Disponível em <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/chega-de-mimimi-e-as-armadilhas-do-jornalismo-declaratorio/>>. Acesso em 29 abr. 2023.

MARIANO, K. L. P; MENEZES, R. G. Brasil e América Latina: os sentidos da integração. **Estudos internacionais**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 118 - 122, ago, 2019

MAINGUENEAU, D. Análise do Discurso: uma entrevista com Dominique Maingueneau. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL**. Vol. 4, n. 6, março de 2006. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 Disponível em <[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)>. Acesso em 06 mai. 2023.

MAINGUENEAU, D. **Alguns elementos de história**. In: Discurso e análise do discurso. São Paulo, SP. Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, D. **Uma análise crítica?** In: Discurso e análise do discurso. São Paulo, SP. Parábola Editorial, 2015.

MIGNOLO, W. **“Latin” America and the first reordering of the Modern/ Colonial World.** The idea of Latin America. Oxford, UK. Blackwell Publishing, 2005.

MORAES, F; SILVA, M. V. da. **A. OBJETIVIDADE JORNALÍSTICA TEM RAÇA E TEM GÊNERO: a subjetividade como estratégia descolonizadora.** In: ANAIS DO 28º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2019, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero-a-subjetividade-como-estrategi?lang=pt-br>> Acesso em: 01 jun. 2023.

NINIO, M. **Relação entre Brasil e China é 'siamesa', diz Mourão, que representa país em comissão bilateral.** O Globo, 23 maio. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2022/05/relacao-entre-brasil-china-siamesa-diz-moura-o-que-representa-pais-em-comissao-bilateral-25514808.ghtml>>. Acesso em 29 abr. 2023.

**Os dez posts mais compartilhados no Facebook sobre as manifestações de 15 de maio.** Observatório da Imprensa, 21 maio. 2019. Disponível em <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/monitor-do-debate-politico-do-meio-digital/os-dez-posts-mais-compartilhados-no-facebook-sobre-as-manifestacoes-de-15-de-maio/>>. Acesso em 29 abr. 2023.

OLIVEIRA, I. D. **O que é jornalismo declaratório?** Livro-Reportagem Em Revista. Disponível em: <<https://livro-reportagem.com.br/o-que-e-jornalismo-declaratorio/>>. Acesso em 10 de mai. 2023.

PORTELA, L. **O jornalismo declaratório naturalizou o discurso de ódio de Bolsonaro, diz Fabiana Moraes.** Marco Zero, 05 mai. 2022. Disponível em: <<https://marcozero.org/o-jornalismo-declaratorio-naturalizou-o-discurso-de-odio-de-bolsonaro-diz-fabiana-moraes/>>. Acesso em 10 de mai. 2023.

ROSSATO, Elisiane Rubin. **A nacionalização e a regionalização na formação da identidade latino-americana.** Revista dos Alunos do Programa de Pós Graduação em Integração Latino Americana, Santa Maria -RS, v. 2, 2004.

TANCREDI, L. M. A dificuldade de incorporação da sociedade brasileira a uma identidade latinoamericana. **Contexto Internacional.** Ano 16, n. 41, p. 12-19, janeiro-abril, 2016.

URIBE, G. **Presidente do Chile defende ajuda europeia para recuperação da Amazônia.** Folha de S. Paulo, 28 ago . 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/08/presidente-do-chile-defende-ajuda-europeia-p-ara-recuperacao-da-amazonia.shtml> >. Acesso em 29 abr. 2023.

VERON, Eliseo. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo, RS. Editora Unisinos, 2004.

VILLAFANE, L. C. S. A América do Sul no Discurso Diplomático Brasileiro, Brasília, Funag.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
COLEGIADO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO**

Salvador, 22/06/2023 às 14:00

**Ata de defesa pública de Trabalho de Conclusão de Curso**

Nesta data, o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Entre Integração e Disputa: a inserção do Brasil na América Latina através do discurso bolsonarista**, de autoria de **Luísa da Silva Carvalho**, sob orientação de **Ivanise Hilbig de Andrade**, foi apresentado em sessão pública e avaliado pela comissão examinadora, composta por **Lia da Fonseca Seixas** e **Victor Coutinho Lage**.

Com base em escala de notas de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), considerando-se a média exigida para aprovação de 5,0 (cinco), de acordo com o Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso do Colegiado de Graduação da Faculdade de Comunicação e com o Regulamento de Ensino de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, foram atribuídos ao referido TCC as seguintes notas:

Tabela de avaliação	Nota	Assinaturas
Examinador(a) 1	9,5	 Documento assinado digitalmente VICTOR COUTINHO LAGE Data: 22/06/2023 16:32:43-0300 Verifique em <a href="https://validar.iti.gov.br">https://validar.iti.gov.br</a>
Examinador(a) 2	9,5	 Documento assinado digitalmente LIA DA FONSECA SEIXAS Data: 22/06/2023 16:24:01-0300 Verifique em <a href="https://validar.iti.gov.br">https://validar.iti.gov.br</a>
Orientador(a)	9,5	 Documento assinado digitalmente IVANISE HILBIG DE ANDRADE Data: 22/06/2023 19:12:37-0300 Verifique em <a href="https://validar.iti.gov.br">https://validar.iti.gov.br</a>

**Média final** (valor numérico): 9,5

**Média final** (por extenso): nove e meio